EB70-MC-10.372

MINISTÉRIO DA DEFESA

EXÉRCITO BRASILEIRO

COMANDO DE OPERAÇÕES TERRESTRES

Manual de Campanha

BRIGADA DE INFANTARIA PARAQUEDISTA

1ª Edição
2021

EB70-MC-10.372

MINISTÉRIO DA DEFESA

EXÉRCITO BRASILEIRO

COMANDO DE OPERAÇÕES TERRESTRES

Manual de Campanha

BRIGADA DE INFANTARIA PARAQUEDISTA

1ª Edição
2021

PORTARIA – COTER/C Ex Nº 140, DE 8 DE DEZEMBRO DE 2021
EB: 64322.012326/2021-62

Aprova o Manual de Campanha EB70-MC-10.372 Brigada de Infantaria Paraquedista, 1ª edição, 2021, e dá outras providências.

O **COMANDANTE DE OPERAÇÕES TERRESTRES** no uso da atribuição que lhe confere o inciso III do artigo 16 das Instruções Gerais para o Sistema de Doutrina Militar Terrestre – SIDOMT (EB10-IG-01.005), 5ª edição, aprovadas pela Portaria do Comandante do Exército nº 1.550, de 8 de novembro de 2017, resolve:

Art. 1º Aprovar o Manual de Campanha EB70-MC-10.372 Brigada de Infantaria Paraquedista, 1ª edição, 2021, que com esta baixa.

Art. 2º Determinar que esta Portaria entre em vigor na data da sua publicação.

Gen Ex MARCO ANTÔNIO FREIRE GOMES
Comandante de Operações Terrestres

(Publicado no Boletim do Exército nº 52, de 31 de dezembro de 2021)

As sugestões para o aperfeiçoamento desta publicação, relacionadas aos conceitos e/ou à forma, devem ser remetidas para o *e-mail* portal.cdoutex@coter.eb.mil.br ou registradas no *site* do Centro de Doutrina do Exército http://www.cdoutex.eb.mil.br/index.php/fale-conosco.

O quadro a seguir apresenta uma forma de relatar as sugestões dos leitores.

Manual	Item	Redação Atual	Redação Sugerida	Observação/Comentário

FOLHA REGISTRO DE MODIFICAÇÕES (FRM)

NÚMERO DE ORDEM	ATO DE APROVAÇÃO	PÁGINAS AFETADAS	DATA

ÍNDICE DE ASSUNTOS

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

1.1 FINALIDADE

1.1.1 Este manual de campanha (MC) tem por finalidade apresentar uma orientação doutrinária para o emprego da Brigada de Infantaria Paraquedista (Bda Inf Pqdt) em operações, bem como trará aspectos relevantes atinentes ao planejamento, à execução e à coordenação das ações a serem realizadas por essa Grande Unidade (GU) Aeroterrestre.

1.1.2 Este MC apresentará, ainda, elementos que permitirão à Bda Inf Pqdt a padronização de seu preparo e emprego, elencando os diversos conceitos, concepções, bem como as diversas táticas, técnicas e procedimentos (TTP) relacionados a essa tropa.

1.2 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

1.2.1 As forças terrestres de todo o mundo estão submetidas aos riscos e às ameaças, de natureza difusa e de difícil previsibilidade, do combate moderno.

1.2.2 O ambiente operacional, que antes tinha sua análise focada na dimensão física, passou a considerar as dimensões humana e informacional, graças às variações no tipo e na natureza dos conflitos, resultantes das sucessivas evoluções tecnológicas e sociais.

1.2.3 Nesse complexo cenário, avulta de importância a existência de uma tropa que evidencie as características de flexibilidade, adaptabilidade, modularidade, elasticidade e sustentabilidade (acrônimo FAMES) e que esteja apta a atuar no amplo espectro dos conflitos, em situação de guerra e de não guerra.

1.2.4 O incremento dos meios de inteligência ampliou a importância da obtenção da iniciativa do combate, conduzindo o inimigo à tomada de decisões deficientes. Assim, evidencia-se a plena utilização do princípio da surpresa e de ações dinâmicas.

1.2.5 Nesse contexto, estão inseridas as tropas paraquedistas, que proporcionam grande flexibilidade ao comando enquadrante, permitindo o emprego imediato de uma força no teatro de operações (TO), o que pode ocorrer por intermédio do salto com paraquedas ou, esporadicamente, empregando pouso de aeronaves.

1.2.6 A fim de atender à mencionada demanda, a Força Terrestre (F Ter) dispõe de uma GU leve, integrada por elementos de combate, apoio ao combate e de apoio logístico que lhe permite atuar em quaisquer ambiente operacional do território nacional ou compondo uma força multinacional.

1.2.7 A Bda Inf Pqdt é uma GU do tipo leve, cujas capacidades operativas propiciam o desenvolvimento de atividades e tarefas específicas do contexto de uma operação aeroterrestre (Op Aet), para a qual é prioritariamente vocacionada.

1.2.8 O presente manual tem enfoque no emprego da Bda Inf Pqdt nas Op Aet. O seu eventual emprego em outras operações segue o previsto para as demais Brigadas de Infantaria do tipo Leve, conforme consta nas publicações em vigor, dentre as quais se destacam os MC Operações, Operações Ofensivas e Defensivas e Brigadas de Infantaria.

1.2.9 As definições e os conceitos presentes neste manual e aqueles necessários para seu o entendimento estão contidos nas publicações Glossário das Forças Armadas e no Glossário de Termos e Expressões para Uso no Exército.

CAPÍTULO II

A BRIGADA DE INFANTARIA PARAQUEDISTA

2.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

2.1.1 A Bda Inf Pqdt é uma GU apta a desdobrar-se em curto espaço de tempo em qualquer parte do território nacional ou em outras regiões de interesse estratégico. Tal deslocamento visa a participar de combates convencionais no amplo espectro dos conflitos, prioritariamente, para destruir ou neutralizar as forças inimigas. A Bda Inf Pqdt está apta a ser empregada, em princípio, no contexto de uma Op Aet e, em menor intensidade, em uma operação aeromóvel (Op Amv), a fim de ser inserida nesse espaço de batalha.

2.1.2 A Bda Inf Pqdt tem como características preponderantes a mobilidade e a flexibilidade, aliadas ao constante estado de prontidão, sendo possível seu emprego em proveito dos interesses tático, operacional ou mesmo estratégico.

2.1.3 No escopo do amplo espectro dos conflitos, o emprego da Bda Inf Pqdt, normalmente, ocorre por intermédio da formação de uma Força Aeroterrestre (F Aet), a qual consiste em uma Força Conjunta ou Força-Tarefa Conjunta, organizada, normalmente, pelo comandante do TO, para a execução de uma Op Aet.

2.1.4 A mobilidade conferida à Bda Inf Pqdt para emprego no TO faz com que as tropas paraquedistas sejam excelentes peças de manobra para as ações em profundidade.

2.1.5 O combate moderno é caracterizado pela não linearidade, resultante da simultaneidade das ações em várias frentes. Nesse sentido, o emprego da Bda Inf Pqdt em sua vocação principal busca desequilibrar todo o dispositivo do inimigo, obrigando-o a lutar em diversas direções, o que dificulta sobremaneira sua capacidade defensiva, além de poder ter suas vias de ressuprimento e possíveis reforços barrados por essa tropa.

2.1.6 Por ocasião do planejamento das operações, nas quais a Bda Inf Pqdt é empregada, são consideradas, ainda:
a) a amplitude na qual as ações são executadas, podendo ser aproximadas, profundas ou de retaguarda;
b) a integração, por intermédio da qual se busca a sinergia entre os elementos de combate, de apoio ao combate e de apoio logístico; e
c) a sincronização, por meio da qual a Bda Inf Pqdt realiza a coordenação das ações de todos os seus elementos, no espaço e no tempo, de maneira a explorar ao máximo seu poder relativo de combate.

2.1.7 A Bda Inf Pqdt também é apta a atuar como parte de uma Força Expedicionária por ser capaz de planejar, gerir e executar eficazmente o movimento, o transporte e a distribuição de recursos aos seus elementos subordinados. Para tanto, pode, em coordenação com a Força Aérea Componente (FAC), lançar mão do ressuprimento por lançamento aéreo ou aerotransporte, ocasionando relativa sustentabilidade em território estrangeiro.

2.2 CAPACIDADES OPERATIVAS

2.2.1 A fim de que possa obter um efeito estratégico, operacional ou tático, são requeridas da Bda Inf Pqdt capacidades operativas que possibilitem o cumprimento de suas atividades e tarefas. Tais aptidões são obtidas pela conjunção dos fatores doutrina, organização, adestramento, material, educação, pessoal e infraestrutura (acrônimo DOAMEPI).

2.2.2 As capacidades operativas, bem como as atividades e tarefas atinentes a cada função de combate, estão descritas nas bases doutrinárias que integram os quadros de organização (QO) de cada organização militar (OM) orgânica da GU aeroterrestre.

2.3 ESTRUTURA ORGANIZACIONAL

2.3.1 A Bda Inf Pqdt é integrada por (Fig 2-1):
a) 1 (um) Comando e Estado-Maior;
b) 3 (três) Batalhões de Infantaria Paraquedista;
c) 1 (um) Grupo de Artilharia de Campanha Paraquedista;
d) 1 (um) Batalhão Logístico Paraquedista;
e) 1 (um) Batalhão de Dobragem, Manutenção de Paraquedas e Suprimento pelo Ar;
f) 1 (uma) Companhia de Precursores Paraquedista;
g) 1 (um) Esquadrão de Cavalaria Paraquedista;
h) 1 (uma) Bateria de Artilharia Antiaérea Paraquedista;
i) 1 (uma) Companhia de Engenharia de Combate Paraquedista;
j) 1 (uma) Companhia de Comunicações Paraquedista;
k) 1 (uma) Companhia de Comando Paraquedista; e
l) 1 (um) Pelotão de Polícia do Exército Paraquedista.

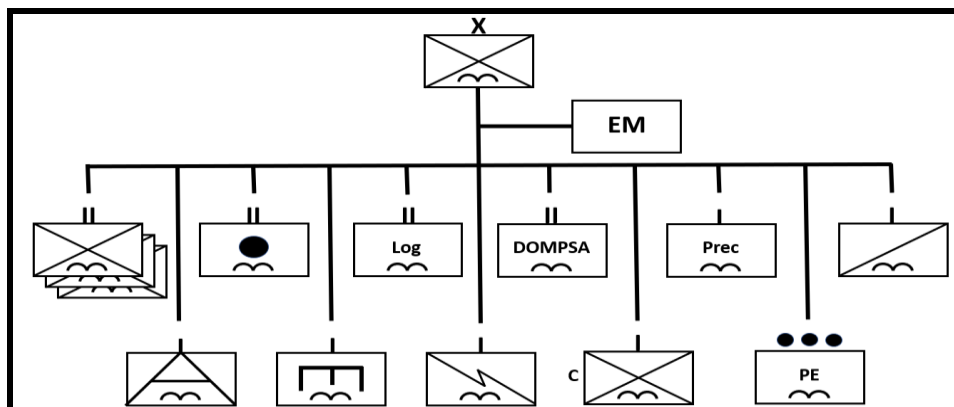



Fig 2-1 – Organograma da Bda Inf Pqdt

2.3.2 COMANDANTE

2.3.2.1 O comandante (Cmt) da Bda Inf Pqdt é o responsável pelo direcionamento da GU durante o preparo e o emprego. Assessorado pelo Estado-Maior (EM), planeja, organiza, coordena e controla as atividades da brigada.

2.3.3 ESTADO-MAIOR

2.3.3.1 O EM da Brigada tem como missão assessorar o Cmt no exercício do comando e compreende: o Estado-Maior Geral e o Estado-Maior Pessoal.

2.3.3.2 As atribuições de cada membro do EM da brigada constam nos manuais Processo de Planejamento e Condução das Operações Terrestres e Estado-Maior e Ordens.

2.3.4 BATALHÃO DE INFANTARIA PARAQUEDISTA

2.3.4.1 O Batalhão de Infantaria Paraquedista (BI Pqdt) tem como principal missão cerrar sobre o inimigo para destruí-lo ou capturá-lo, empregando o fogo, movimento e o combate aproximado, prioritariamente, por intermédio de lançamento de paraquedas ou, eventualmente, por meio do pouso. Na defensiva, mantém o terreno, normalmente ocupando uma cabeça de ponte aérea (C Pnt Ae), a fim de negar ao inimigo o acesso a uma região de interesse para o escalão enquadrante.

2.3.4.2 C Pnt Ae é a área geográfica conquistada e/ou mantida, a fim de proporcionar o espaço necessário para o desembarque por via aérea de tropas, equipamentos e suprimentos. Deve possuir, além disso, espaço para a dispersão dos meios, dentro da distância de apoio mútuo, para defesa em profundidade e para a manobra da força encarregada de sua manutenção.

2.3.4.3 Os BI Pqdt são unidades especialmente aptas a comporem uma F Aet. Eles são as bases para a composição das Forças-Tarefas (FT) nível batalhão, atendendo aos conceitos do acrônimo FAMES, de acordo com os fatores da decisão.

2.3.4.4 O BI Pqdt é composto por (Fig 2-2):
a) 1 (um) Comando e Estado-Maior;
b) 1 (uma) Companhia de Comando e Apoio; e
c) 3 (três) Companhias de Fuzileiros Paraquedistas.

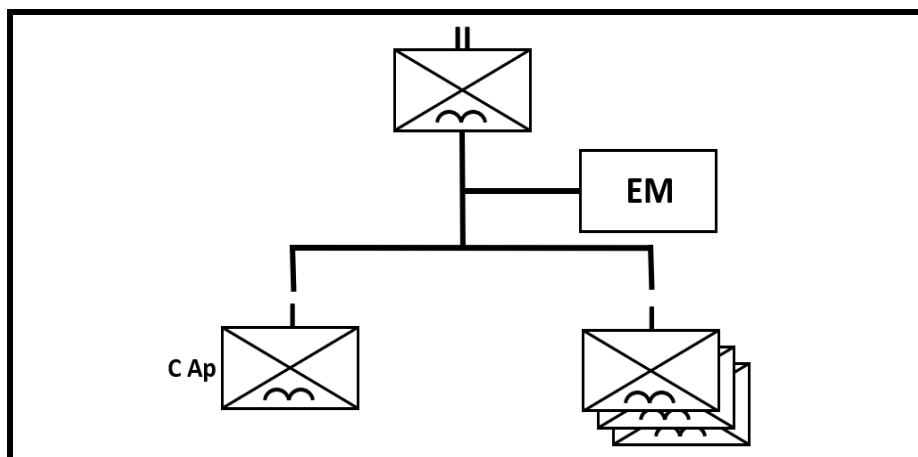



Fig 2-2 – Organograma do BI Pqdt

2.3.5 GRUPO DE ARTILHARIA DE CAMPANHA PARAQUEDISTA

2.3.5.1 O Grupo de Artilharia de Campanha Paraquedista (GAC Pqdt) é o responsável pelo apoio de fogo às operações, destruindo, bloqueando, neutralizando ou interditando alvos que possam ameaçar os elementos de manobra.

2.3.5.2 O comando da Bda Inf Pqdt é responsável pelo emprego eficiente de todos os elementos de apoio de fogo que integram a GU ou a ela estão adjudicados. Nesse escopo, o Cmt GAC é o coordenador de apoio de fogo, principal assessor do comandante da brigada.

2.3.5.3 O GAC Pqdt é composto por (Fig 2-3):
a) 1 (um) Comando e Estado-Maior;
b) 1 (uma) Bateria Comando; e
c) 3 (três) Baterias de Obuses.

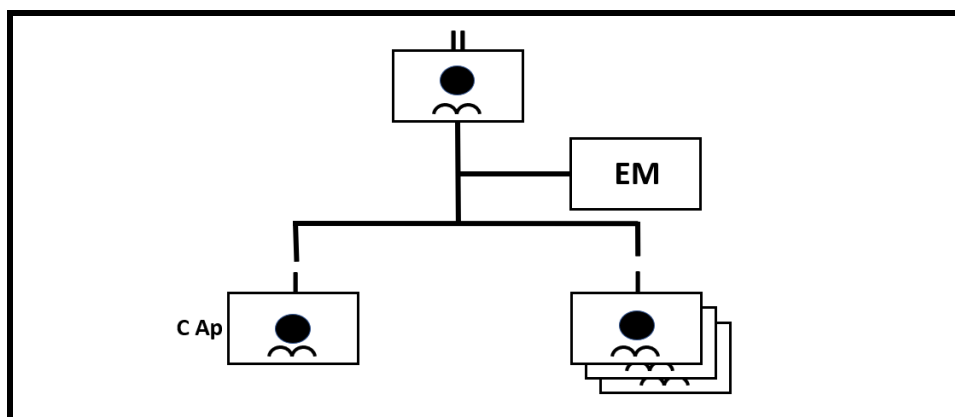



Fig 2-3 – Organograma do GAC Pqdt

2.3.6 BATALHÃO LOGÍSTICO PARAQUEDISTA

2.3.6.1 O Batalhão Logístico Paraquedista (B Log Pqdt) tem como principal missão proporcionar o apoio logístico aos elementos orgânicos da Bda Inf Pqdt. Sua organização pode ser pautada pelo acrônimo FAMES, de acordo com a doutrina militar terrestre vigente.

2.3.6.2 A constituição básica do B Log Pqdt é (Fig 2-4):
a) 1 (um) Comando e Estado-Maior;
b) 1 (uma) Companhia de Comando e Apoio;
c) 1 (uma) Companhia de Manutenção;
d) 1 (uma) Companhia de Suprimento; e
e) 1 (uma) Companhia Logística de Saúde.

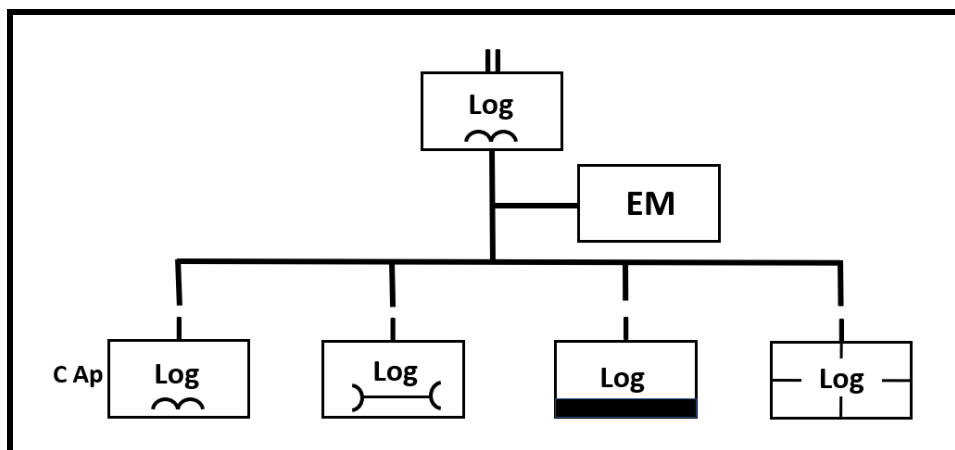



Fig 2-4 – Organograma do B Log Pqdt

2.3.7 BATALHÃO DE DOBRAGEM, MANUTENÇÃO DE PARAQUEDAS E SUPRIMENTO PELO AR

2.3.7.1 O Batalhão de Dobragem, Manutenção de Paraquedas e Suprimento pelo Ar (B DOMPSA) é encarregado da inspeção, dobragem, armazenagem, manutenção e distribuição do material aeroterrestre necessário ao lançamento de pessoal e material, bem como da preparação das cargas médias e pesadas para o lançamento aéreo.

2.3.7.2 O B DOMPSA também realiza o apoio logístico de suprimento aéreo lançado de paraquedas, com cargas acima de 500 libras, bem como é o responsável pela elaboração de diretrizes para a gestão do material aeroterrestre no âmbito da F Ter.

2.3.7.3 O B DOMPSA, eventualmente, apoia elementos externos à Bda Inf Pqdt. Ele é composto por (Fig 2-5):
a) 1 (um) Comando e Estado-Maior;
b) 1 (uma) Companhia de Comando e Apoio;
c) 1 (uma) Companhia de Dobragem de Paraquedas;
d) 1 (uma) Companhia de Preparação e Lançamento de Cargas; e
e) 1 (uma) Companhia de Suprimento e Manutenção de Material Aeroterrestre.

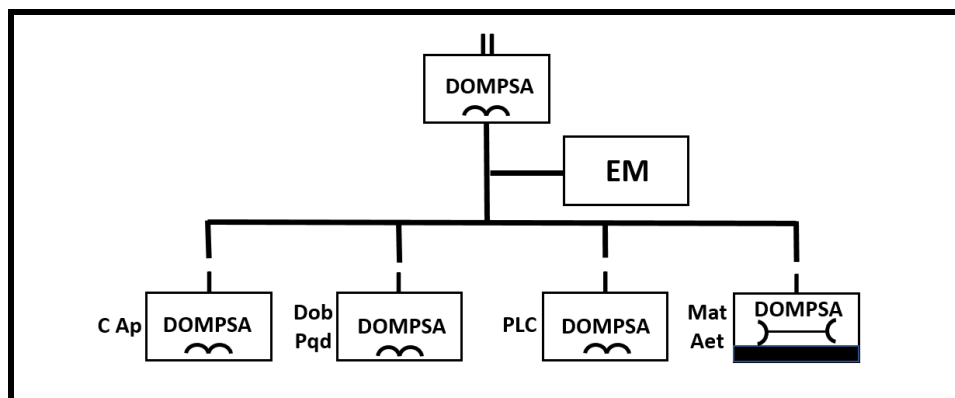



Fig 2-5 – Organograma do B DOMPSA

2.3.8 COMPANHIA DE PRECURSORES PARAQUEDISTA

2.3.8.1 A Companhia de Precursores Paraquedista (Cia Prec Pqdt) é responsável por operar as zonas de lançamento (ZL), zonas de pouso (ZP) e zonas de pouso de helicóptero (ZPH), o que inclui a coordenação do movimento aéreo nessas zonas de desembarque (Z Dbq). Realiza, também, em caráter limitado, ações de reconhecimento e vigilância e, ainda, de guia aéreo avançado (GAA) em prol da Bda Inf Pqdt.

2.3.8.2 A Cia Prec Pqdt é composta por (Fig 2-6):
a) 1 (um) Comando e Estado-Maior;
b) 1 (um) Pelotão de Comando e Apoio;
c) 3 (três) Destacamentos de Precursores; e
d) 1 (um) Destacamento de Reconhecimento e Vigilância.

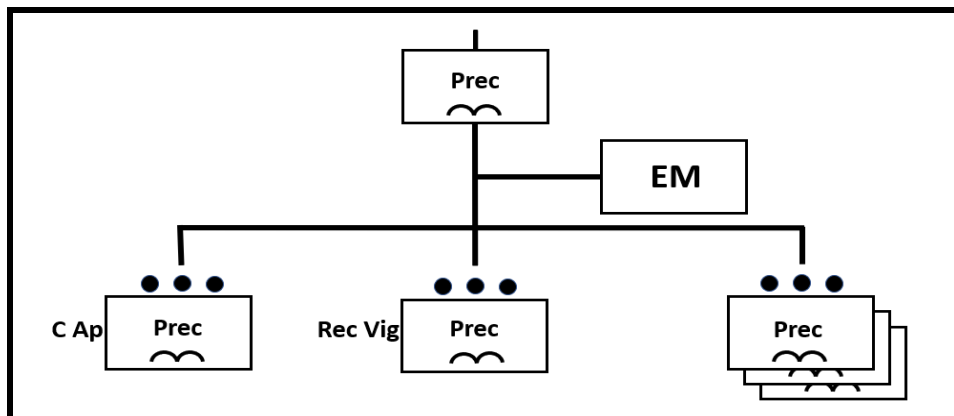



Fig 2-6 – Organograma da Cia Prec Pqdt

2.3.9 ESQUADRÃO DE CAVALARIA PARAQUEDISTA

2.3.9.1 O Esquadrão de Cavalaria Paraquedista (Esqd C Pqdt) é o elemento de manobra voltado ao reconhecimento e à segurança da brigada, sendo, por isso, uma unidade de economia de meios. Para tal, deve ser dotado com plataformas que permitam boa mobilidade terrestre, relativa proteção blindada e potência de fogo adequada.

2.3.9.2 O Esqd C Pqdt é composto por (Fig 2-7):
a) 1 (um) Comando e Estado-Maior;
b) 1 (um) Pelotão de Comando e Apoio; e
c) 3 (três) Pelotões de Cavalaria Paraquedista.

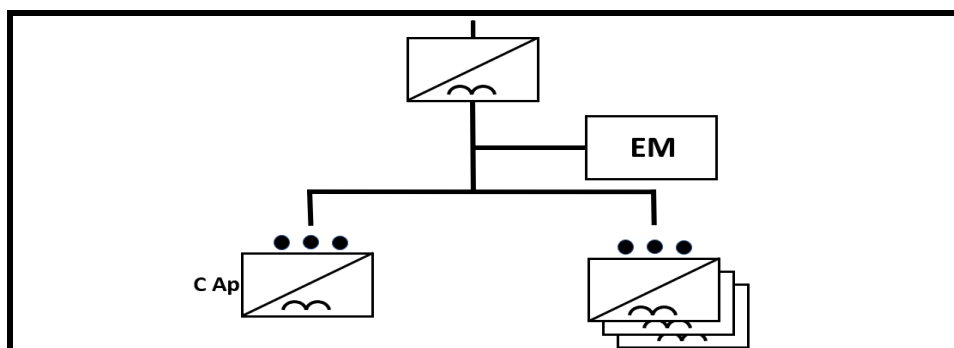



Fig 2-7 – Organograma do Esqd C Pqdt

2.3.10 BATERIA DE ARTILHARIA ANTIAÉREA PARAQUEDISTA

2.3.10.1 A missão principal da Bateria de Artilharia Antiaérea Paraquedista (Bia AAAe Pqdt) é realizar a proteção de zonas de ação (Z Aç), de áreas ou pontos sensíveis e de tropas contra vetores aeroespaciais hostis. Normalmente, é integrada ao Sistema de Defesa Aeroespacial. A bateria também tem o encargo de apoiar o controle e a coordenação do espaço aéreo na Z Aç da brigada.

2.3.10.2 A Bia AAAe Pqdt é composta por (Fig 2-8):
a) 1 (um) Comando e Estado-Maior;
b) 1 (uma) Seção de Comando;
c) 1 (uma) Seção de Operações;
d) 1 (uma) Seção de Informações;
e) 1 (uma) Seção Logística;
f) 2 (duas) Seções de Artilharia Antiaérea; e
g) 1 (uma) Seção de Artilharia Antiaérea (assalto aeroterrestre − Ass Aet).

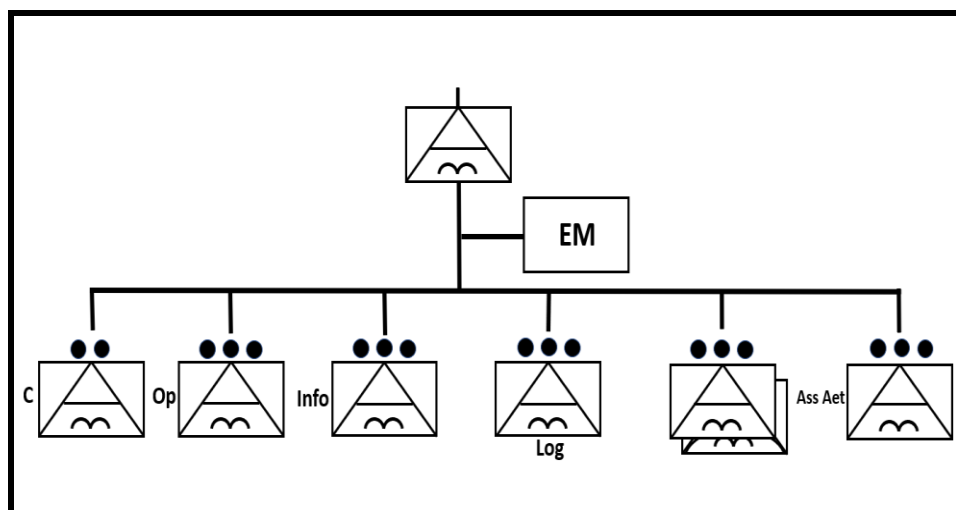



Fig 2-8 – Organograma da Bia AAAe Pqdt

2.3.11 COMPANHIA DE ENGENHARIA DE COMBATE PARAQUEDISTA

2.3.11.1 A Companhia de Engenharia de Combate Paraquedista (Cia E Cmb Pqdt) tem como missão principal apoiar a mobilidade, a contramobilidade e contribuir para a proteção dos elementos orgânicos da Bda Inf Pqdt. Possui o encargo do estudo técnico do terreno para assessorar o trabalho do EM da brigada.

2.3.11.2 A Cia E Cmb Pqdt é composta por (Fig 2-9):
a) 1 (um) Comando e Estado-Maior;
b) 1 (uma) Seção de Comando;
c) 1 (um) Pelotão de Engenharia de Apoio; e
d) 3 (três) Pelotões de Engenharia de Combate Paraquedista.

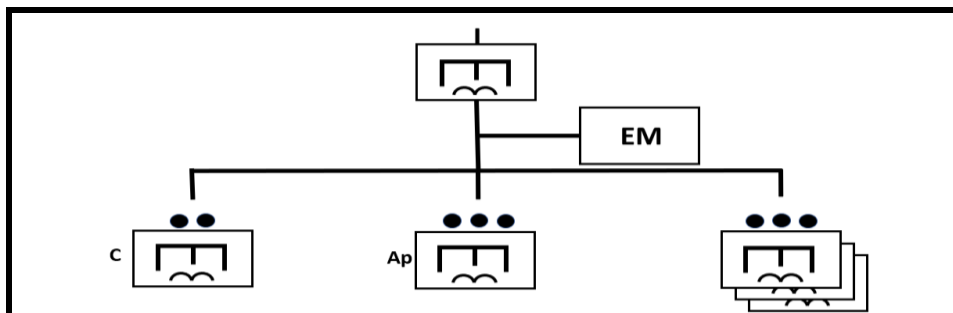



Fig 2-9 – Organograma da Cia E Cmb Pqdt

2.3.12 COMPANHIA DE COMUNICAÇÕES PARAQUEDISTA

2.3.12.1 A Companhia de Comunicações Paraquedista (Cia Com Pqdt) tem como missão prover o apoio de comunicações à Bda Inf Pqdt, instalando, explorando, mantendo e protegendo os sistemas de comunicações da brigada.

2.3.12.2 A Cia Com Pqdt tem o encargo de assegurar o pleno exercício do comando e controle (C^2) da GU aeroterrestre, bem como de padronizar a melhor forma para o tráfego das comunicações entre as OM paraquedistas.

2.3.12.3 A Cia Com Pqdt é composta por (Fig 2-10):
a) 1 (um) Comando e Estado-Maior;
b) 1 (um) Pelotão de Comando e Apoio;
c) 1 (um) Pelotão de Comunicações de Posto de Comando; e
d) 1 (um) Pelotão de Comunicações de Escalão Recuado.

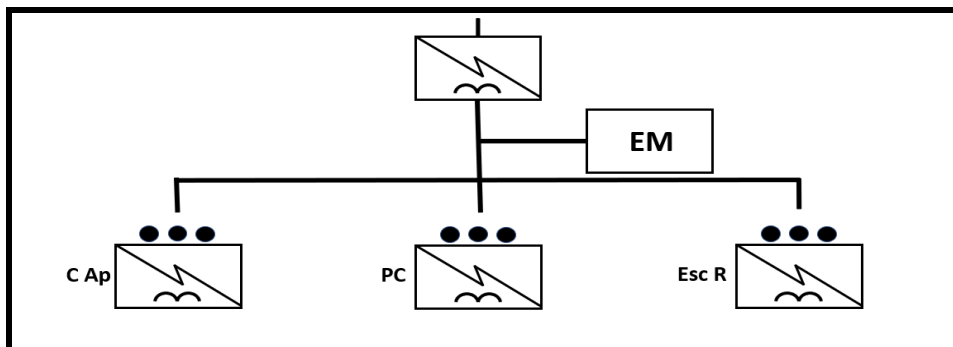



Fig 2-10 – Organograma da Cia Com Pqdt

2.3.13 COMPANHIA DE COMANDO DA BRIGADA DE INFANTARIA PARAQUEDISTA

2.3.13.1 A Companhia de Comando da Brigada de Infantaria Paraquedista (Cia C Bda Inf Pqdt) tem como missão apoiar, em pessoal e em material, o comando da brigada e prover a segurança das instalações de comando.

2.3.13.2 A Cia C Bda Inf Pqdt é composta por (Fig 2-11):
a) 1 (um) Grupo de Comando;
b) 1 (um) Pelotão de Comando;
c) 1 (um) Pelotão de Manutenção; e
d) 1 (um) Pelotão de Segurança.

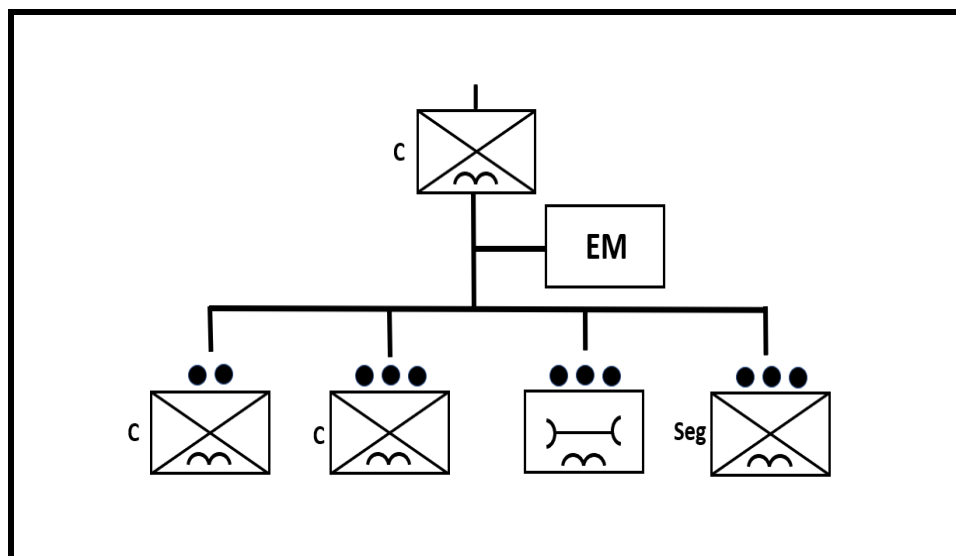



Fig 2-11 – Organograma da Cia C Bda Inf Pqdt

2.3.14 PELOTÃO DE POLÍCIA DO EXÉRCITO PARAQUEDISTA

2.3.14.1 O Pelotão de Polícia do Exército Paraquedista (Pel PE Pqdt) é encarregado da proteção do comandante nos seus deslocamentos terrestres, pela regulação do tráfego rodoviário na Z Aç da brigada, bem como pela administração e escolta dos prisioneiros de guerra.

2.3.14.2 O Pel PE Pqdt é composto por (Fig 2-12):
a) Comando;
b) Grupo de Comando;
c) Grupo de Chefia de Polícia;
d) Grupo de Segurança;

e) Grupo de Trânsito; e
f) Grupo de Escolta e Guarda.

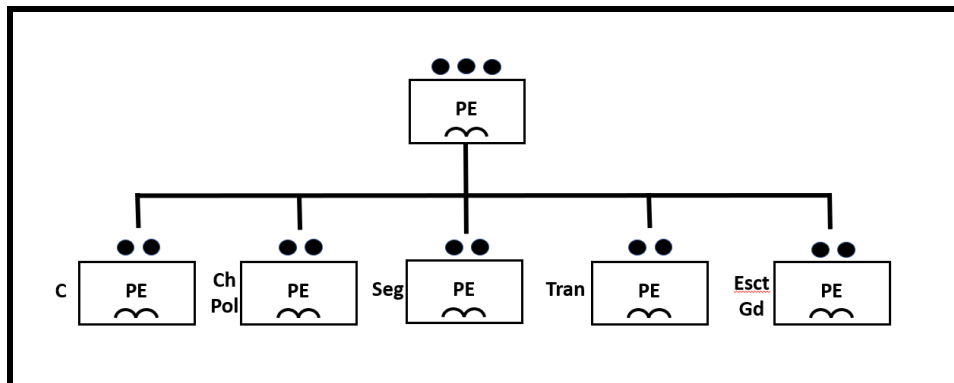



Fig 2-12 – Organograma do Pel PE Pqdt

2.4 ORGANIZAÇÃO DA BRIGADA DE INFANTARIA PARAQUEDISTA PARA O COMBATE

2.4.1 Em uma Op Aet, a Bda Inf Pqdt pode ser empregada como um todo ou por intermédio do desdobramento de até três FT, valor BI Pqdt, de composição flexível, a fim de dotá-las com os meios e os recursos humanos necessários ao cumprimento de missões típicas do combate moderno. Tal configuração deve-se ao fato de os elementos de manobra necessitarem de um mínimo de suporte no apoio ao combate e na logística por ocasião das ações táticas iniciais. A possibilidade desses elementos atuarem em objetivos distantes entre si reforça a importância de tal estrutura.

2.4.2 Cada FT é formada segundo as características estabelecidas no acrônimo FAMES, tendo como base um BI Pqdt. Todas as demais unidades podem ceder frações à formação das FT, a fim de prestar o apoio ao combate e o suporte logístico necessário.

2.4.3 As estruturas organizacionais das OM orgânicas à Bda Inf Pqdt favorecem a constituição das FT BI Pqdt e, por ocasião do planejamento das operações, deve-se buscar, sempre que possível, a manutenção dos laços táticos na composição dos meios.

CAPÍTULO III

A BRIGADA DE INFANTARIA PARAQUEDISTA NAS OPERAÇÕES AEROTERRESTRES

3.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

3.1.1 Uma operação aeroterrestre visa à introdução de forças de combate, com seus apoios, em uma área de objetivos, para a execução de missão de caráter tático, operacional ou estratégico. Esse tipo de missão requer tropas especializadas, sendo a Bda Inf Pqdt especialmente organizada e equipada para as Op Aet. Ela pode participar com todo ou parte do seu efetivo.

3.1.2 As Op Aet são iniciadas, normalmente, por uma fase de assalto, seguida de uma defensiva ou retraimento. Sua profundidade depende, principalmente, do alcance de meios aéreos.

3.1.3 As Op Aet ocorrem, preferencialmente, em áreas nas quais o inimigo ofereça pouca ou nenhuma resistência. Podem, também, ocorrer em zonas ocupadas por forças inimigas bem organizadas, quando precedidas por uma ação que degrade sensivelmente o poder de combate do oponente, como, por exemplo, utilizando aeronaves de caça ou fogos de artilharia de campanha.

3.1.4 Além das medidas de coordenação e controle normalmente empregadas pelas demais OM, a Bda Inf Pqdt lança mão de medidas específicas, como a hora sobre o objetivo (HSO), que traduz o instante em que o primeiro homem abandona a aeronave sobre a Z Dbq; e o local de reorganização (L Reo), ponto balizado pelas equipes de precursores (Eqp Prec) pelo qual os paraquedistas deverão passar, após o salto e a aterragem, e a partir do qual seguirão para as respectivas zonas de reunião (Z Reu).

3.1.5 A fim de permitir maior sigilo e surpresa às operações, a tropa aeroterrestre realiza o carregamento e a maior parte do movimento aéreo, durante os períodos de visibilidade reduzida.

3.1.6 O comando que planeja o emprego da Bda Inf Pqdt deve prever uma manobra em que ela permaneça o máximo de tempo possível desdobrada no terreno, considerando a sua capacidade logística de operar em até 72h sem ressuprimento.

3.1.7 Quando a finalidade do lançamento da brigada for realizar um Ass Aet, o seu lançamento ocorre a partir do momento em que o escalão superior (Esc Sp) julgue haver condições para a realização da junção. Para isso, não há necessidade de que os objetivos iniciais de uma força de aproveitamento do êxito já tenham sido conquistados.

3.1.8 A força estabelecida para executar uma Op Aet fica subordinada ao comando conjunto estabelecido no TO, podendo estar sob controle operacional das forças componentes quando atuarem em proveito destas.

3.1.9 A F Aet pode ser organizada como Força Conjunta Aeroterrestre (F Cj Aet) ou como Força-Tarefa Conjunta Aeroterrestre (FT Cj Aet). A diferença consiste no momento da sua reunião e na duração da estrutura. No primeiro caso, a força é reunida tão logo seja expedida a ordem de alerta ou diretriz de planejamento. No segundo, a reunião dos meios ocorre somente quando determinado o seu emprego.

3.1.10 Em que pese a F Cj Aet ser mais vantajosa, tendo em vista que os meios e o EM ficam exclusivamente dedicados à missão por mais tempo, a FT Cj Aet é mais comumente empregada, devido à escassez de meios aéreos e à necessidade do emprego desses meios em tarefas variadas.

3.2 ESCALONAMENTO DAS FORÇAS

3.2.1 No escopo de uma Op Aet, a F Aet é dividida em quatro escalões, conforme a sua possibilidade de introdução na área de objetivos: precursor, assalto, acompanhamento e recuado.

3.2.2 ESCALÃO PRECURSOR

3.2.2.1 O escalão precursor (Esc Prec) é composto por frações da Cia Prec Pqdt, acrescidas pelos meios necessários ao cumprimento de sua missão. Assim, o Esc Prec tem como possíveis atribuições:
a) estabelecer um dispositivo de vigilância na área de operações (A Op);
b) reconhecer, balizar, operar e estabelecer a segurança inicial das Z Dbq;
c) realizar levantamentos meteorológicos em proveito do desembarque;
d) proporcionar auxílio à navegação aérea na região de objetivos;
e) retardar o movimento inimigo em direção à área de objetivos, por intermédio da condução do apoio de fogo (aéreo, terrestre e naval) e do emprego de caçadores, ou, ainda, valendo-se de elementos do Esqd C Pqdt;
f) cooperar na designação de alvos;
g) cooperar na reorganização da tropa após o desembarque; e
h) realizar ações de salvamento e resgate nas Z Dbq.

3.2.2.2 A composição do Esc Prec, a antecedência com que é inserido, bem como a quantidade de vagas e aeronaves que o compõem dependem do estudo dos fatores da decisão. Nesse sentido, deve haver o cuidado para que o efetivo a ser deslocado nesse escalão seja o mínimo necessário.

3.2.2.3 De acordo com os fatores da decisão, elementos de combate e de apoio ao combate podem compor o Esc Prec, a fim de prover a segurança dos eixos que incidem sobre a Z Dbq.

3.2.2.4 Os elementos que constituem o Esc Prec podem desembarcar por levas, cuja defasagem é regulada conforme suas tarefas. Assim, as Eqp Prec, normalmente, infiltram jornadas antes dos demais integrantes do Esc Prec.

3.2.2.5 Apoio de Fogo no Escalão Precursor

3.2.2.5.1 O precursor paraquedista tem a capacidade de confirmar alvos já levantados e conduzir o tiro indireto sobre alvos profundos, quando não for possível a observação dos elementos de artilharia e de morteiro. Também auxilia o planejamento e a condução do fogo naval e de aeronaves de asa fixa e/ou rotativa sobre alvos de interesse da força apoiada, atuando como guia aéreo avançado, que se desdobra na Z Aç GU aeroterrestre antes dos demais integrantes.

3.2.2.5.2 Os pedidos de apoio de fogo, solicitados pelo Esc Prec, devem ser informados ao centro de coordenação de apoio de fogo (CCAF) da Bda Inf Pqdt com o máximo de detalhamento possível, para subsidiar a melhor forma e maneira de engajamento dos alvos. O CCAF, que nesse momento ainda não foi lançado, analisa os alvos (dimensão, natureza, quantidade, importância militar, oportunidade e método de ataque), decidindo pela aplicação de fogos de mais de um meio ou solicitando apoio de fogo adicional ao Esc Sp.

3.2.2.5.3 Para a eficiência dos processos de solicitação, seleção de alvos e emprego do apoio de fogo, bem como para a eficácia na utilização desses meios, especial atenção deve ser dada à coordenação do espaço aéreo. Nesse sentido, o precursor deve estar em condições de assessorar seu escalão enquadrante no que concerne a essa coordenação.

3.2.3 ESCALÃO DE ASSALTO

3.2.3.1 O escalão de assalto (Esc Ass) é composto por elementos de combate e de apoio ao combate suficientes para executar as ações táticas iniciais, sob a ótica dos fatores da decisão. Tal escalão tem por missão:
a) no Ass Aet – atacar para conquistar os objetivos e estabelecer uma C Pnt Ae inicial que permita o desembarque em segurança das forças subsequentes, preferencialmente por pouso de assalto; e
b) na incursão – cumprir a missão imposta, seja ela destruir, neutralizar, resgatar *etc*.

3.2.3.2 Os elementos integrantes do Esc Ass devem manter o comando (Cmdo) da brigada permanentemente atualizado das evoluções do combate. Tal fato possibilita a manutenção da consciência situacional e a atualização oportuna dos planejamentos.

3.2.3.3 Caso não tenham sido lançados na quantidade adequada no Esc Prec, elementos do Esqd C Pqdt devem estar entre os primeiros integrantes desse escalão, a fim de prover maior resistência à possível aproximação inimiga nas Z Dbq.

3.2.3.4 O lançamento do Esc Ass, preferencialmente, é feito em uma única vaga, privilegiando os princípios da massa, surpresa, ofensiva e manobra.

3.2.3.5 Caso o Esc Prec não obtenha sucesso em sua tarefa, e buscando a continuidade das Op Aet, o Esc Ass deve ser precedido por uma equipe de precursores paraquedistas que, embarcada em um avião 20 (vinte) minutos à frente, executará o lançamento da tropa sem auxílio de qualquer elemento no solo.

3.2.3.6 A maior quantidade possível de meios antiaéreos deve ser deslocada junto ao Esc Ass para estabelecer a proteção contra vetores aéreos o mais cedo possível.

3.2.3.7 Tendo em vista a profundidade em que as tropas aeroterrestres são empregadas, é desejável que o Esc Ass Bda Inf Pqdt disponha de apoio de artilharia com, pelo menos, uma bateria de obuses, desde que os meios aéreos permitam o seu lançamento.

3.2.3.8 As solicitações de apoio de fogo podem se dar a partir de posições avançadas, como das regiões de interesse para a inteligência (RIPI). Independente da origem do pedido, estes devem ser informados ao CCAF Bda Inf Pqdt, com o máximo de detalhamento possível, para subsidiar a melhor forma e maneira de engajar os alvos. O CCAF pode decidir pela aplicação de fogos de mais de um meio ou pela solicitação de apoio de fogo adicional aos escalões superiores.

3.2.4 ESCALÃO DE ACOMPANHAMENTO

3.2.4.1 O escalão de acompanhamento (Esc Acomp) é a parte da F Aet não prioritária para as ações táticas iniciais, mas imprescindível às operações subsequentes, destinando-se a ampliar o poder de combate da tropa aeroterrestre na A Op.

3.2.4.2 O Esc Acomp deve ser inserido na área do objetivo o mais cedo possível, utilizando-se de quaisquer meios aéreos, terrestres ou navais disponíveis.

3.2.4.3 No Esc Acomp, são transportados os armamentos e os equipamentos mais pesados das unidades pertencentes ao Esc Ass e das unidades de apoio ao combate e de apoio logístico. Assim, sempre que possível, deve-se buscar conquistar uma área que permita o pouso de aeronaves para o posterior desembarque dos meios.

3.2.4.4 Os meios de apoio de fogo mais pesados são conduzidos junto ao Esc Acomp. Entre eles, estão incluídos os orgânicos do GAC Pqdt, as metralhadoras pesadas e os mísseis antiaéreos das frações da F Aet, que são empregados na autodefesa antiaérea.

3.2.4.5 O Cmdo Bda Inf Pqdt deve providenciar informações oportunas sobre a aproximação de vetores aéreos inimigos e amigo, contribuindo para que sejam mitigadas quaisquer hipóteses de fratricídio.

3.2.4.6 No Esc Acomp, os pedidos de tiro também podem ser executados pela artilharia de campanha, devendo ser informados ao CCAF, que analisa os alvos e decide pelo meio mais adequado a ser empregado.

3.2.4.7 No caso de elevadas necessidades de apoio de fogo para as ações subsequentes e de baixa disponibilidade de meios de apoio de fogo, elementos adicionais podem ser desembarcados com o Esc Acomp, vindo a compor um agrupamento-grupo.

3.2.4.8 A quantidade de munição de artilharia a ser transportada no Ass Aet depende da capacidade e do número de aeronaves empregadas na missão. Essa quantia deve ser suficiente para apoiar as ações em um período de 72h.

3.2.5 ESCALÃO RECUADO

3.2.5.1 O escalão recuado (Esc R) é a parte da F Aet deixada na área de partida para desempenhar funções de caráter eminentemente administrativo, logístico e de ligação com outras forças não necessárias na área do objetivo.

3.3 ASSALTO AEROTERRESTRE

3.3.1 O Ass Aet é o tipo de Op Aet destinada a introduzir forças paraquedistas e seus equipamentos, prioritariamente por lançamento de paraquedas e eventualmente por meio de pouso, com a finalidade de conquistar uma região no terreno de significativa importância para o cumprimento da missão das forças de superfície.

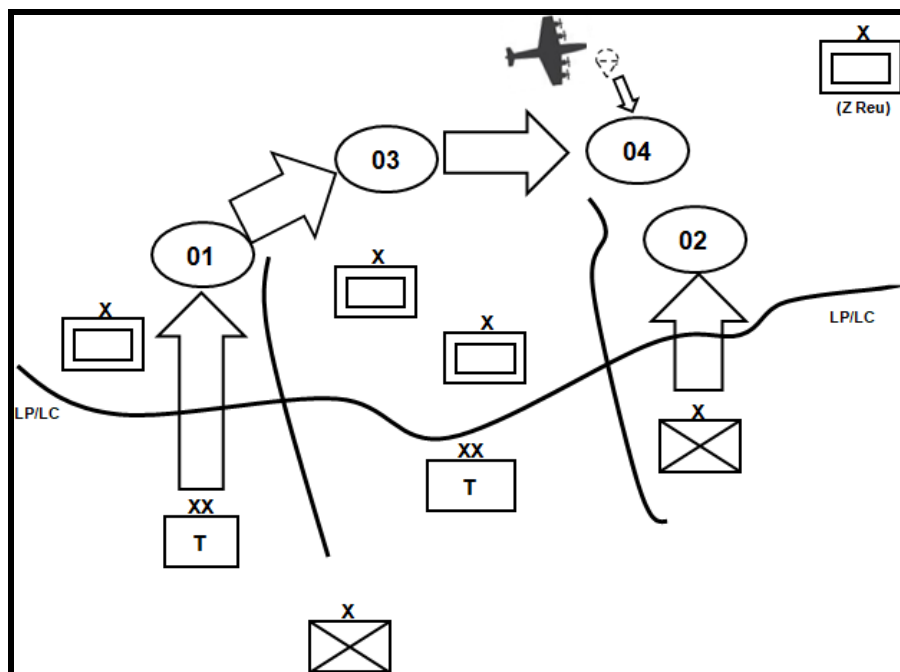



Fig 3-1 – A Bda Inf Pqdt no Ass Aet

3.3.2 O Ass Aet pode ser realizado para acelerar o cerco planejado pelo Esc Sp, o que se faz por intermédio da conquista de regiões de passagem para as tropas amigas que realizarão a futura junção, ou de pontos que bloqueiem o movimento do inimigo em contato, tanto de sua reserva quanto do seu fluxo de ressuprimento.

3.3.3 Como parte do cerco, o Ass Aet também deve facilitar o avanço das forças amigas, por intermédio da conquista de C Pnt Ae em regiões que forcem o inimigo a lutar em múltiplas direções.

3.3.4 A Bda Inf Pqdt pode ser, ainda, lançada, a fim de garantir objetivos finais do comando em proveito do qual opera, para a conquista de estruturas como portos, aeródromos, localidades e usinas. Tudo com a finalidade de proporcionar as melhores condições para as ações ofensivas do escalão enquadrante.

3.3.5 O Ass Aet constitui-se na mais complexa das Op Aet, devido à magnitude das forças e à quantidade de meios envolvidos. Caracteriza-se pela adoção de atitude defensiva, imediatamente após a realização da ação ofensiva, e pelo incremento progressivo do poder de combate na área de objetivos. Tal incremento visa a reforçar a defesa do dispositivo, ampliando o poder de combate das tropas desdobradas na C Pnt Ae.

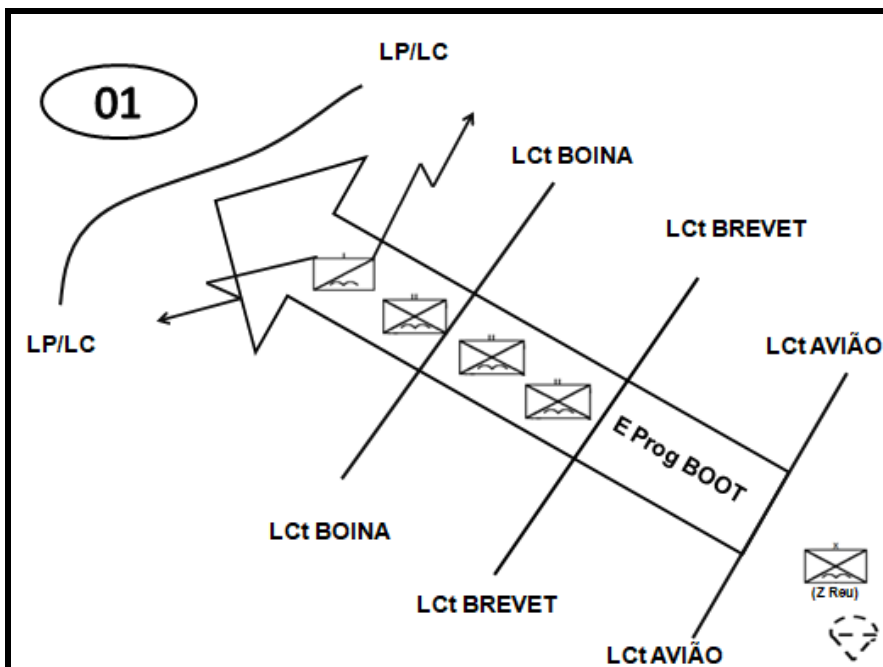



Fig 3-2 – Esquema de manobra das ações táticas iniciais do Ass Aet com a formação de uma única C Pnt Ae

3.3.6 No Ass Aet, a Bda Inf Pqdt pode ser empregada em uma ou mais cabeças de ponte aérea, dependendo dos objetivos a serem conquistados. Na primeira situação, opera com parte ou com todos os seus elementos de manobra, dentro da distância de apoio mútuo. Na outra hipótese, emprega os elementos em mais de uma C Pnt Ae, com missões independentes ou parcialmente dependentes do restante da brigada.

3.3.7 O valor mínimo para o estabelecimento de uma C Pnt Ae é de um batalhão. No entanto, no contexto de um Ass Aet, uma subunidade isolada pode ser empregada para a conquista e manutenção de objetivos específicos, após o incremento de poder de combate na C Pnt Ae.

3.3.8 A decisão de manter a brigada em uma só C Pnt Ae depende da dimensão e da natureza dos objetivos, devendo ser considerada a capacidade dos elementos de apoio ao combate e de apoio logístico.

3.3.9 Uma única C Pnt Ae facilita o controle, a coordenação e o planejamento. Ao inimigo, facilita a determinação mais precisa do local da cabeça de ponte e o valor da tropa, bem como as possibilidades de ações de contra-ataque da tropa defensora.

3.3.10 O estabelecimento de mais de uma C Pnt Ae dificulta o controle, a coordenação e o planejamento. No entanto, permite maior dispersão e torna mais difícil ao inimigo a obtenção de informações precisas.

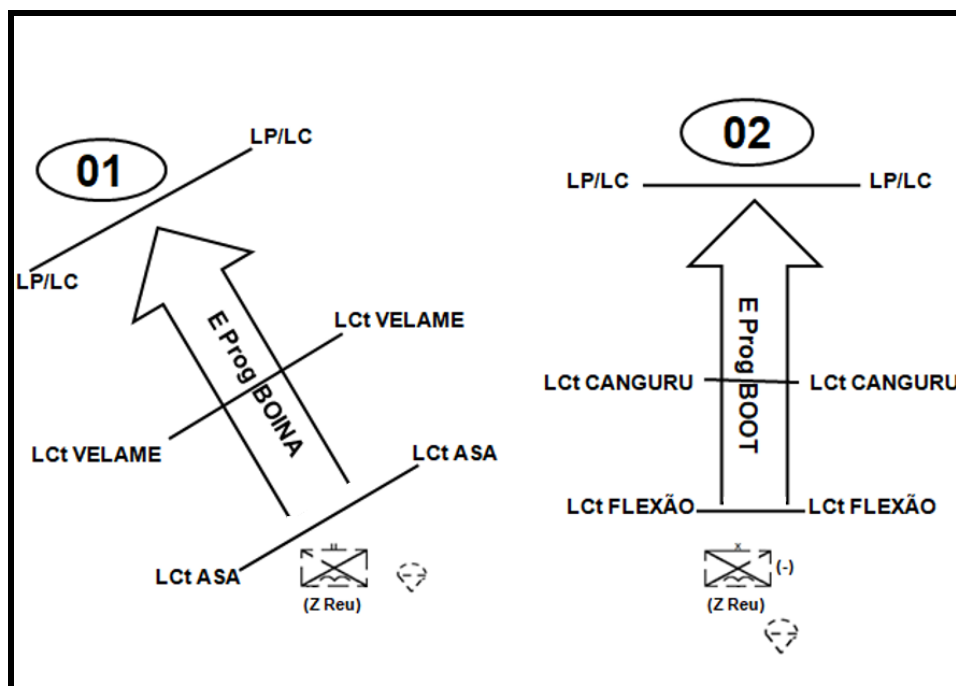



Fig 3-3 – Esquema de manobra das ações táticas iniciais do Ass Aet com a formação de duas C Pnt Ae

3.3.11 FASES DE UM ASSALTO AEROTERRESTRE

3.3.11.1 Preparação

3.3.11.1.1 A preparação engloba todas as ações realizadas, desde o recebimento de uma ordem de alerta ou diretriz de planejamento até a decolagem das primeiras aeronaves para o cumprimento da missão.

3.3.11.1.2 Durante esse período, é realizado o planejamento conjunto. São expedidas as ordens, reunidas as tropas com seus equipamentos e suprimentos, além de executados os adestramentos específicos e os ensaios.

3.3.11.1.3 Nessa fase, ocorre o deslocamento e a concentração da F Aet para áreas próximas aos aeródromos de partida. A caracterização do término dessa fase se dá pelo carregamento das aeronaves, que ocorre durante períodos de visibilidade reduzida, garantindo o sigilo e a surpresa das ações.

3.3.11.1.4 Na fase de preparação, a defesa antiaérea é realizada, prioritariamente, pelo apoio da artilharia antiaérea do Esc Sp, uma vez que a artilharia antiaérea paraquedista estará se preparando para o desembarque na A Op. Na impossibilidade do apoio do Esc Sp, e conforme as prioridades estabelecidas, a defesa antiaérea pode ser provida pela própria Bia AAAe Pqdt.

3.3.11.2 Movimento Aéreo

3.3.11.2.1 Para o componente terrestre, o movimento aéreo inicia-se com a decolagem das primeiras aeronaves carregadas para o cumprimento da missão e termina com o atingimento nas Z Dbq.

3.3.11.2.2 Prioritariamente, o Esc Ass deve ser lançado em vaga única, buscando a conquista dos objetivos de assalto simultaneamente e o mais rápido possível. Aspectos como a restrição da disponibilidade de aeronaves e a conquista de mais de uma C Pnt Ae podem demandar a utilização de vagas sucessivas.

3.3.11.2.3 O lançamento em vagas sucessivas pode ocasionar a superposição dessa fase com a fase das ações táticas iniciais, o que não é desejável para um Ass Aet, tendo em vista a necessidade da simultaneidade da conquista dos objetivos de assalto.

3.3.11.2.4 A conquista e a manutenção da superioridade aérea local são essenciais no atingimento das Z Dbq e para o retorno das aeronaves pelos corredores aéreos. Pode-se abrir mão dessa superioridade, assumindo riscos calculados, em operações de menor vulto.

3.3.11.2.5 Para o sucesso do envolvimento vertical, a Bda Inf Pqdt utiliza ponderável quantidade de meios aéreos para a realização do Ass Aet, conforme o dimensionamento da(s) FT.

3.3.11.2.6 O diagnóstico das condições meteorológicas é de suma importância. Para tanto, deve-se contar com o apoio da Cia Prec Pqdt na coleta e interpretação dos dados obtidos.

3.3.11.2.7 Na fase do movimento aéreo, cabe à Força Aérea prover a segurança aérea das aeronaves em voo.

3.3.11.3 Ações Táticas Iniciais

3.3.11.3.1 As ações táticas iniciais têm início com a chegada do componente terrestre da F Aet ao solo nas Z Dbq e terminam com o estabelecimento de C Pnt Ae.

3.3.11.3.2 As ações terrestres, nessa fase, são semelhantes às realizadas pelas demais brigadas do tipo leve, possuindo algumas peculiaridades decorrentes da limitação de meios disponíveis. Normalmente, englobam marcha de aproximação, ataque de oportunidade, conquista e consolidação dos objetivos.

3.3.11.3.3 Na missão de atuar como elemento de reconhecimento e segurança em proveito da brigada, os demais elementos de combate ou de apoio ao combate podem reforçar o Esqd C Pqdt, desde que possuam mobilidade compatível.

3.3.11.3.4 Imediatamente após o desembarque, o Esqd C Pqdt realiza o reconhecimento dos eixos que incidem sobre a C Pnt Ae, até uma linha de controle (L Ct) a partir da qual o inimigo possa ter sua progressão retardada. Tal ação deve ser realizada com o máximo de rapidez, buscando evitar que a força oponente atinja o dispositivo defensivo antes deste ser estabelecido.

3.3.11.3.5 Durante a marcha de aproximação, são lançados elementos de combate à frente, em princípio do Esqd C Pqdt, a uma distância que não exceda o alcance dos meios de C^2.

3.3.11.3.6 A escassez de meios de apoio de fogo de artilharia pode ser atenuada pelo emprego de elementos da Cia Prec Pqdt, na condução dos fogos pela artilharia do Esc Sp, apoio de fogo aéreo ou apoio de fogo naval.

3.3.11.3.7 De acordo com os fatores da decisão, parte dos meios da Bia AAAe Pqdt pode ser lançado no Esc Ass. Do contrário, a Força Aérea provê a defesa aeroespacial da Bda Inf Pqdt até a chegada dos meios de defesa antiaérea.

3.3.11.3.8 Da marcha de aproximação até o fim das ações táticas iniciais, os elementos da Bia AAAe Pqdt que seguem junto ao Esc Ass, normalmente, permanecem descentralizados, compondo as FT BI Pqdt. Nessa etapa, cabe às seções de artilharia antiaérea paraquedista realizarem a defesa antiaérea dos elementos de segurança da Bda Inf Pqdt, garantindo pontos sensíveis ao longo dos itinerários (pontes, viadutos, região de passagens *etc*.), além de protegerem os meios de apoio logístico, de apoio de fogo, bem como os de C^2.

3.3.11.3.9 A natureza descentralizada das ações táticas iniciais, a composição dos meios em FT e as limitações impostas ao C^2 fazem com que seja recomendável que as frações de engenharia permaneçam em reforço às FT BI

Pqdt. Nessa fase, os trabalhos de proteção são reduzidos ao mínimo, dando-se prioridade aos voltados para a mobilidade das tropas.

3.3.11.4 Ações Táticas Subsequentes

3.3.11.4.1 As ações táticas subsequentes incluem todas as ações desencadeadas após o término da organização da C Pnt Ae. As mais comuns são:
a) manutenção da C Pnt Ae;
b) ações ofensivas que favoreçam a defesa ou ações futuras;
c) junção com outras forças terrestres amigas;
d) substituição; e
e) retraimento, com ou sem pressão, ou retirada.

3.3.11.4.2 Na fase das ações táticas subsequentes, o Esc Acomp completa o desdobramento de todos os meios de apoio ao combate e logísticos necessários à operação.

3.3.11.4.3 Devido à peculiar vulnerabilidade das tropas aeroterrestres à ação dos blindados inimigos, particular atenção deve ser dada às frentes mais vulneráveis e às vias de acesso adequadas ao emprego de carros. Nesse sentido, faz-se necessário o uso sistemático de medidas passivas e dos armamentos orgânicos para a defesa contra blindados.

3.3.11.4.4 Os BI Pqdt e o Esqd C Pqdt possuem frações instruídas e dotadas de armamentos anticarro que visam a atenuar as vulnerabilidades da tropa paraquedista aos meios blindados inimigos.

3.3.11.4.5 O Esqd C Pqdt pode realizar ações pontuais contra carros de combate, complementando a defesa ou apoiando contra-ataques dos BI Pqdt.

3.3.11.4.6 O GAC Pqdt deve planejar seus fogos considerando as vias de acesso para blindados, devendo estar em condições de atuar em todas as direções na defesa da C Pnt Ae e dos objetivos a serem mantidos.

3.3.11.4.7 Pela sua flexibilidade e grande poder de fogo, os meios aéreos constituem-se em grande vetor para ações contra blindados. Os elementos da Cia Prec Pqdt e do Esqd C Pqdt são os mais adequados a designar alvos dessa natureza para plataformas aéreas, atuando como guias aéreos avançados.

3.3.11.4.8 As Eqp Prec devem dar especial atenção, sobretudo, à capacidade de adquirir alvos ou de solicitar apoio de fogo de diferentes naturezas, já que são desdobradas antes das demais unidades da brigada.

3.3.11.4.9 Todos os demais sensores de inteligência podem ser empregados para apoiar o GAC Pqdt nas tarefas de planejamento, seleção e reconhecimento de regiões de procura de posição. Essa atividade, realizada em coordenação com a tropa apoiada, tem como objetivo potencializar o emprego das baterias de obuses, mitigando a possibilidade de erros de posicionamento.

3.3.11.4.10 A Bia AAAe Pqdt fica, normalmente, com uma missão tática mais centralizada, em apoio geral à Bda Inf Pqdt, facilitando a coordenação e o controle da defesa antiaérea da C Pnt Ae.

3.3.11.4.11 Na C Pnt Ae, as frações de engenharia prestam o assessoramento técnico aos trabalhos de organização do terreno, realizados pelos elementos de manobra, desonerando a Cia Eng Cmb para execução de trabalhos mais apurados.

3.3.11.4.12 Devido à limitada capacidade de transporte de meios, as barreiras resumem-se a uma zona de obstáculos, planejada pelo E-3 (oficial de operações) com assessoramento do Cmt Cia E Cmb Pqdt, que tem por objetivo deter e/ou retardar o inimigo nas principais vias de acesso.

3.3.12 PLANEJAMENTO DO ASSALTO AEROTERRESTRE

3.3.12.1 Seguindo as técnicas do planejamento reverso, as atividades são planejadas na sequência inversa de sua execução, uma vez que cada fase de uma Op Aet impõe servidões às fases que a antecedem.

3.3.12.2 Nesse sentido, o planejamento é materializado por 4 (quatro) planos distintos, correspondentes a cada fase da Op Aet, de acordo com o descrito a seguir:
a) preparação – plano de concentração e aprestamento;
b) movimento aéreo – plano de movimento aéreo;
c) ações táticas iniciais – plano de desembarque e plano tático terrestre (com as ações táticas iniciais); e
d) ações táticas subsequentes – plano tático terrestre (com as ações táticas subsequentes).

3.3.12.3 A apresentação final assume a forma de uma ordem de operações, acompanhada dos respectivos anexos, apêndices, adendos e aditamentos.

3.3.12.4 O planejamento de contrainteligência realiza-se simultaneamente à preparação dos demais planos de operações da Bda Inf Pqdt, devendo ser de conhecimento restrito. A 2ª seção do comando da Bda Inf Pqdt deve propor o exame de situação de contrainteligência e, no que lhe couber, realizar o processo de desenvolvimento da contrainteligência, destacando o plano de segurança orgânica.

3.3.12.5 Plano Tático Terrestre

3.3.12.5.1 De responsabilidade do EM Bda Inf Pqdt, o plano tático terrestre regula as ações de conquista e manutenção da C Pnt Ae, bem como as ações subsequentes. Nesse plano, são determinados os efetivos, a composição dos meios necessários à execução das ações terrestres e o desenvolvimento do plano logístico em apoio ao plano tático.

3.3.12.5.2 Para realização da análise do terreno e das condições meteorológicas, o chefe da 2ª seção do comando da Bda Inf Pqdt pode ser assessorado por elementos específicos do Esqd C Pqdt, da Cia E Cmb Pqdt e da Cia Prec Pqdt.

3.3.12.5.3 O planejamento tático terrestre inicia-se pela manobra defensiva, caracterizando a linha de cabeça de ponte aérea (L C Pnt Ae).

3.3.12.5.4 A L C Pnt Ae é aproximadamente circular e delimita o terreno a ser defendido, tal como um limite anterior da área de defesa avançada (LAADA). Empregando todos os meios disponíveis, o EM da brigada identifica e seleciona os acidentes capitais de maior valor defensivo que circundam a área a ser defendida.

3.3.12.5.5 A Bda Inf Pqdt deve expandir a defesa na L C Pnt Ae, de maneira que esta circunscreva um adequado espaço para a manobra planejada e a(s) zonas(s) requerida(s) para o desembarque ininterrupto do Esc Acomp. Deve ser negada ao inimigo a possibilidade de realizar fogos diretos ou indiretos observados sobre a(s) Z Dbq.

3.3.12.5.6 Outros fatores que permitem determinar a localização, a extensão e a forma de uma C Pnt Ae são:
a) missão inicial e subsequente;
b) inimigo – dispositivo, natureza e provável eixo de aproximação;
c) terreno – estudo dos acidentes capitais que garantem o desdobramento da brigada e que bloqueiam as vias de acesso para o interior da C Pnt Ae;
d) meios disponíveis – visando a melhor dispersão e apoio mútuo dos meios;
e) tempo para a conquista dos objetivos de assalto e prazo provável de duração da missão; e
f) considerações civis.

3.3.12.5.7 Manutenção da Cabeça de Ponte Aérea
a) A defesa da C Pnt Ae é executada por intermédio da combinação de ações ofensivas agressivas, o mais à frente possível, com as ações defensivas típicas de uma defesa de área em dispositivo circular.
b) A manutenção da C Pnt Ae inclui as seguintes medidas:
- limpeza dos remanescentes inimigos;
- adoção de um dispositivo defensivo para a manutenção do objetivo

conquistado, coerente com o ataque;
- realização de reconhecimentos;
- estabelecimento da segurança à frente;
- estabelecimento do contato com unidades vizinhas, se for o caso; e
- deslocamento e instalação das armas de apoio.

c) No esquema de manobra para a manutenção, os seguintes requisitos devem ser observados para a determinação dos limites entre os elementos de manobra:
- dividir a C Pnt Ae em Z Aç, baseados no grau de dificuldade das tarefas a cumprir e não na área defendida;
- facilidade de identificação na carta e no terreno;
- não dividir responsabilidade sobre uma mesma via de acesso;
- delimitar setores com suficiente espaço para a manobra de cada elemento de combate e que não contenham obstáculos em seu interior; e
- não possuir um traçado à frente da L C Pnt Ae que ultrapasse a linha dos postos avançados de combate (PAC), além do essencial para a coordenação dos fogos (pontos de coordenação).

d) Nos casos em que as Z Aç determinadas dificultem o apoio mútuo dentro da C Pnt Ae, o Cmt da brigada seleciona os principais eixos de aproximação, mobiliando-os com posições de bloqueio valor subunidade, no contato e em profundidade, e estabelece outros graus de resistência para as áreas menos importantes.

e) As medidas de coordenação e controle utilizadas no esquema de manobra para a manutenção da C Pnt Ae são semelhantes às medidas de qualquer defesa em posição.

f) Quando delimitada, a área de reserva (A Res) tende a cobrir uma extensão reduzida. Ao empregar a maioria dos meios no perímetro do dispositivo, a Bda Inf Pqdt não conta com meios para ações de segurança de área de retaguarda. Quando não delimitada uma A Res, os meios de comando, controle, apoio e a própria reserva são distribuídos em setores dos elementos subordinados.

g) Admite-se a reserva fraca, uma vez que a maioria dos meios deve ser empregada na área de defesa avançada (ADA). Em caso de largas frentes a defender e de disponibilidade de meios de transporte, pode-se optar por um incremento em seu valor, aumentando a capacidade de o Cmt Bda Inf Pqdt intervir no combate. Cabe ressaltar que, no escalão brigada, a reserva fraca é o equivalente a uma subunidade.

h) Após o seu acolhimento, o Esqd C Pqdt pode ser empregado como reserva da Bda Inf Pqdt, tendo em vista sua mobilidade, que lhe permite o emprego oportuno em qualquer parte da frente.

i) No interior da C Pnt Ae os Cmt dos diversos escalões podem intervir na ação:
- por fogos, alterando a prioridade e/ou as missões táticas;
- empregando a reserva para reforçar elementos de primeiro escalão, realizar contra-ataques ou para aprofundar a defesa;
- modificando a missão de elementos subordinados;
- alterando limites e outras medidas de C^2; e
- posicionando-se onde melhor possam exercer a influência pessoal.

j) As medidas de reconhecimento e segurança são reforçadas em todos os níveis. Os PAC e os elementos de vigilância são lançados. Bloqueios de estrada e outros obstáculos artificiais são continuamente instalados ao longo das vias de acesso inimigas. Os obstáculos naturais são agravados e demolições são preparadas.
k) As Eqp Prec Pqdt podem desencadear reconhecimentos, levantamentos meteorológicos, seleção de alvos, monitoramento de RIPI, condução de fogo aéreo aproximado, por intermédio de guias aéreos avançados e de fogos terrestres, além do apoio fornecido pelas turmas de caçadores. O possível apoio de guerra eletrônica, fogos navais e de forças irregulares provenientes do Esc Sp ampliam, consideravelmente, o alcance e o efeito dessas ações.
l) O incremento do poder de combate da Bda Inf Pqdt se dá com a chegada dos elementos do Esc Acomp. O êxito do desembarque depende da segurança prestada pelo dispositivo inicial, ao passo que a vinda desse escalão assegura os meios para a manutenção da C Pnt Ae.
m) À medida em que as forças do Esc Acomp chegam à C Pnt Ae, os núcleos defensivos são reforçados, as reservas são reconstituídas e o apoio logístico tem seu sistema complementado. O incremento do poder de combate amplia a capacidade defensiva da defesa circular.
n) Elementos de segurança são distribuídos em todas as direções e escalonados em profundidade, prioritariamente sobre as vias de acesso favoráveis ao inimigo de maior mobilidade. São complementados e, por vezes, integram a rede de vigilância do calco de apoio à decisão.
o) Os PAC têm por missão principal alertar sobre a aproximação do inimigo e negar as condições de observação e de realização de fogos diretos e indiretos sobre a C Pnt Ae. Dentro de suas possibilidades, devem buscar iludir o inimigo quanto à verdadeira localização da posição defensiva. Nesse caso, o poder de combate dos postos avançados é ampliado, inclusive com o reforço de armas anticarro. A linha do PAC deve estar ao alcance dos fogos diretos provenientes dos elementos da L C Pnt Ae.
p) Outras forças podem desempenhar missões de vigilância além dos PAC, com ênfase nos principais eixos de aproximação do inimigo. Tais tarefas são executadas por intermédio do monitoramento de RIPI, dentre outras medidas.
q) O Esqd C Pqdt constitui um importante elemento de segurança da brigada. Ele pode ser reforçado pela engenharia e por armas anticarro, além de apoiado por elementos de guerra eletrônica e de artilharia. O alcance do seu emprego, proporcionado pelas suas viaturas orgânicas, é determinado pelo alcance dos meios de C^2 disponíveis.
r) A Cia Prec Pqdt é outro importante elemento a ser empregado em ações de vigilância. Ela pode ser desdobrada em qualquer porção da área de interesse da Bda Inf Pqdt com essa finalidade, desde que haja a continuidade nos sistemas de C^2.

3.3.12.5.8 Conquista da Cabeça de Ponte Aérea
a) Após o desembarque, uma vez concluída a reorganização, o emprego da Bda Inf Pqdt é bastante similar ao das outras tropas terrestres. Normalmente,

realiza-se uma marcha de aproximação, seguida de um ataque de oportunidade (ações táticas iniciais).

b) Os objetivos de assalto são acidentes capitais que devem ser conquistados imediatamente para assegurar o cumprimento da missão e a segurança da brigada. Devem ser selecionados de acordo com os fatores da decisão, conforme a visualização da L C Pnt Ae.

c) A marcha de aproximação deve percorrer a menor distância possível, pois busca a proximidade entre as Z Dbq e os objetivos. Essa premissa preserva o poder de combate da Bda Inf Pqdt para a realização dos ataques.

d) Em última hipótese, caso haja um objetivo de assalto inicial, este deve ser conquistado no mais curto prazo possível e ter por finalidade assegurar as condições necessárias para o prosseguimento do ataque.

e) Na seleção dos objetivos de assalto, deve-se buscar:

- assegurar o bloqueio das principais vias de acesso para o interior da C Pnt Ae, junto aos principais eixos de penetração;
- a eliminação da resistência inimiga no interior da C Pnt Ae;
- a defesa dos acidentes do terreno necessários à junção; e
- a defesa das Z Dbq.

f) Não é desejável que os esquemas de manobra para a conquista e manutenção da C Pnt Ae apresentem diferenças entre si no tocante aos limites entre as peças de manobra e/ou à organização para o combate.

g) No esquema de manobra para a conquista da C Pnt Ae, as medidas de coordenação e controle utilizadas são semelhantes às de um ataque, podendo constar, ainda, ZL; zonas de aterragem (Z Ater); L Reo; e eixos de progressão (E Prog) para os batalhões.

h) As equipes da Cia Prec Pqdt podem realizar o monitoramento da região de objetivos, utilizando horários predeterminados para a realização do voo com Sistema de Aeronave Remotamente Pilotada (SARP), sempre em coordenação com a tropa apoiada e conforme as medidas de coordenação de apoio de fogo.

i) O Esqd C Pqdt é a fração mais apta a cobrir o movimento da brigada até os objetivos de assalto. Para complementar a segurança, as Eqp Prec Pqdt podem ser designadas para realizar o monitoramento de RIPI em posições afastadas, observando a direção mais provável de aproximação do inimigo e o flanco mais exposto.

j) A FT BI Pqdt, empregada na conquista de determinada região, deve, sempre que possível, ser também a responsável pela sua manutenção. Cada FT é organizada para cumprir sua missão, considerando a natureza da resistência a ser adotada em cada via de acesso; a diretriz de planejamento; o processo de integração terreno, condições meteorológicas, inimigo e considerações civis (PITCIC); e o poder de combate disponível.

k) Ao término dessa etapa, o Cmdo da brigada possuirá informações suficientes do terreno para ajustar os planejamentos, podendo redefinir o poder de combate a adotar, o emprego de outros meios na ADA e os limites laterais para os elementos subordinados, se for o caso.

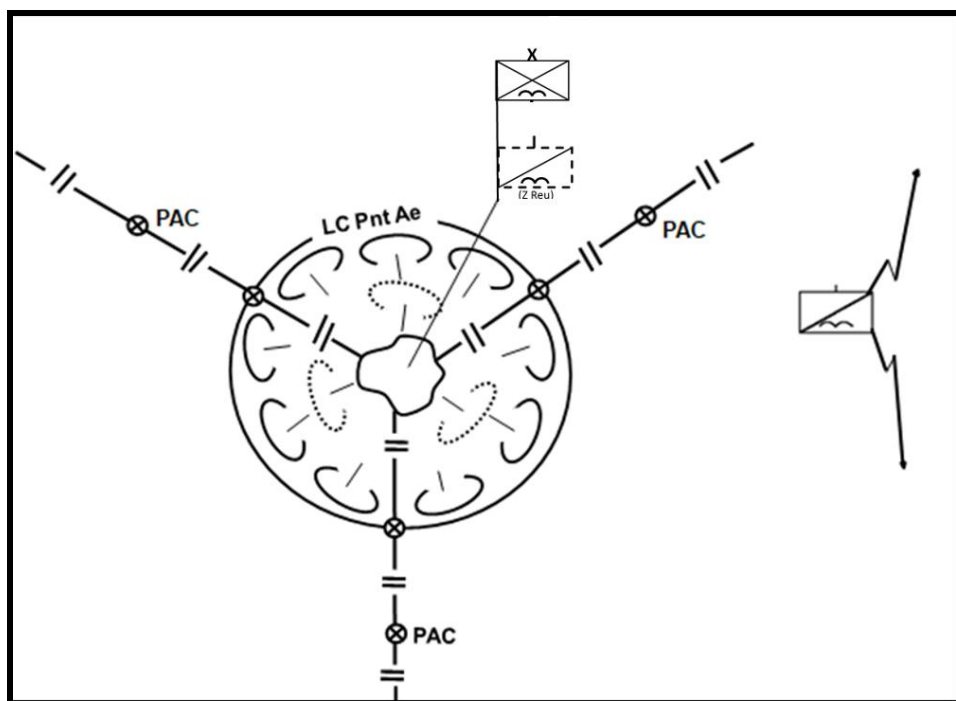



Fig 3-4 – Exemplo de esquema de manobra de uma Bda Inf Pqdt em uma C Pnt Ae

3.3.12.6 Plano de Desembarque

3.3.12.6.1 O plano de desembarque inclui a sequência, a hora, o método de desembarque e o local de chegada das tropas e do material na área de objetivo.

3.3.12.6.2 O plano é preparado pela Cia Prec Pqdt, conforme diretrizes do Cmt da brigada e de acordo com a manobra idealizada, sendo difundido para os comandantes e mestres de salto. Sempre devem ser consideradas alternativas para as ZL, os E Prog e outros eixos julgados necessários.

3.3.12.6.3 Simultaneamente ao preparo do plano tático terrestre, são levantadas as Z Dbq aptas a serem utilizadas. Esse levantamento, normalmente, é realizado pelo pessoal especializado da F Ae, pelo EM Bda Inf Pqdt e pela Cia Prec Pqdt. Esta conta com elementos infiltrados no terreno que ratificam as alternativas consideradas.

3.3.12.6.4 Realizado o levantamento das Z Dbq, o Cmt da brigada estabelece a hora e a ordem de desembarque de cada unidade. A rapidez no estabelecimento da conquista da C Pnt Ae é fundamental para o sucesso da operação. Por isso, sempre que possível, devem ser utilizadas Z Dbq próximas aos objetivos de assalto.

3.3.12.6.5 No planejamento das Z Dbq, haverá a previsão de Z Dbq alternativas, que serão confirmadas no terreno por intermédio das Eqp Prec infiltradas.

3.3.12.6.6 Durante a reorganização, as Z Dbq, os L Reo e as Z Reu requerem a adoção de medidas de segurança pelos diversos níveis, uma vez que a tropa permanece exposta a ataques inimigos provenientes de todas as direções.

3.3.12.6.7 A segurança das Z Dbq é proporcionada pela Cia Prec Pqdt. A segurança aproximada da Z Dbq é realizada por turmas de caçadores em uma ou mais vias de acesso consideradas secundárias. O Esqd C Pqdt provê a segurança da principal via de acesso do inimigo que incide sobre a C Pnt Ae.

3.3.12.6.8 O plano de desembarque deve definir os L Reo. Tais locais devem ser posicionados junto ao perímetro da ZL, preferencialmente próximos ao(s) eixo(s) de progressão para os objetivos de assalto. A tropa paraquedista não deve se agrupar nos locais de reorganização, a fim de reduzir a sua vulnerabilidade aos fogos aéreos e terrestres inimigos. Após a passagem pelos L Reo, os paraquedistas devem dirigir-se à sua Z Reu, local coberto e abrigado das vistas e fogos inimigos, com o objetivo de recompor-se taticamente e preparar-se para o movimento tático em direção aos objetivos de assalto.

3.3.12.6.9 Como requisitos básicos para o início do movimento tático em direção aos objetivos a serem conquistados, deve ser observada a reorganização de, pelo menos, 80% da tropa e o estabelecimento das comunicações, no mínimo da rede-rádio de operações.

3.3.12.7 Plano de Movimento Aéreo

3.3.12.7.1 O plano de movimento aéreo define as condições de realização do deslocamento aéreo entre os aeródromos de partida e a(s) Z Dbq. Envolve o período compreendido entre a decolagem das primeiras aeronaves e o pouso das últimas, por final de missão. Inclui o traslado da tropa e do material de todos os escalões da F Aet.

3.3.12.7.2 Sob as diretrizes do Cmdo F Aet, o plano de movimento aéreo é elaborado no nível conjunto, reunindo oficiais da F Ae, elementos do Esc Sp do componente terrestre com os responsáveis pela defesa antiaérea, bem como o EM Bda Inf Pqdt. Deve ser feito a partir da consolidação do plano de desembarque, sendo anexado às ordens.

3.3.12.7.3 O planejamento do movimento aéreo compreende, sequencialmente, a repartição dos meios aéreos, a seleção das rotas, a definição dos horários e a consolidação final em um quadro de movimento aéreo.

3.3.12.7.4 Um quadro de carregamento estabelece a distribuição da tropa nas aeronaves disponíveis, tendo como base o quadro de movimento aéreo. Os seguintes fatores devem ser observados:
a) integridade tática – pequenas frações são embarcadas na mesma aeronave, e frações maiores em um mesmo elemento de aeronaves, o que proporciona rapidez na reorganização;
b) dissociação dos meios – a repartição de meios como armas de apoio e de comunicações, além dos elementos de comando, evita vulnerabilidades, no caso da perda de uma aeronave; e
c) autossuficiência de cada carga – assegura que determinado material ou equipamento seja operado, ainda que ocorra o lançamento em uma ZL alternativa ou um pouso de emergência, uma vez que é embarcado na mesma aeronave que seu operador ou sua guarnição.

3.3.12.8 Plano de Concentração e Aprestamento

3.3.12.8.1 Após a finalização dos três planos anteriores (tático terrestre, desembarque e movimento aéreo), o EM da brigada dedica-se a concluir o plano de concentração e aprestamento. Este preconiza as medidas necessárias para que a F Aet, cujos componentes possuem distintas sedes, seja reunida e fique em condições de partir para o cumprimento da missão, conforme o planejado.

3.3.12.8.2 A concentração consiste na ação de reunir os meios em determinada região, que ofereça as condições necessárias para o início da operação. Normalmente, é precedida pela execução de um deslocamento estratégico entre a sede das unidades e a(s) região(ões) de concentração.

3.3.12.8.3 O aprestamento representa a última etapa da fase de montagem de uma Op Aet. Ele tem início com a instalação do(s) local(is) de concentração e termina com o carregamento das aeronaves.

3.3.12.8.4 O plano de concentração e aprestamento não se confunde com o anexo logístico do plano tático terrestre. Sua confecção também cabe aos oficiais de logística da F Aet, sendo anexado à ordem de operações da Bda Inf Pqdt.

3.3.12.8.5 Uma região de concentração deve possuir ou receber pessoal e material específicos, além de dispor de locais com instalações adequadas, que constituam uma infraestrutura para o apoio à Op Aet planejada.

3.3.12.8.6 Nessa etapa do planejamento, devem ser previstos ensaios específicos para cada operação, imediatamente antes da sua execução, salvo nos casos em que não houver disponibilidade de tempo. Os ensaios devem englobar desde as ações isoladas de cada fração até o treinamento conjunto para a operação completa, envolvendo todos os elementos da força, incluindo

os aéreos e navais. Tal ensaio deve ser executado com antecedência suficiente para que os ensinamentos decorrentes sejam incorporados ao plano de operações.

3.4 INCURSÃO AEROTERRESTRE

3.4.1 A incursão aeroterrestre (Inc Aet) é o tipo de operação aeroterrestre que compreende um movimento aéreo, normalmente furtivo e empregando salto de paraquedas, em área sob o controle do inimigo. Ela envolve uma ação ofensiva, seguida de um retraimento ou de uma retirada planejada, não havendo intenção de conquista ou do manutenção de terreno.

3.4.2 Em uma Inc Aet, a Bda Inf Pqdt pode ser empregada para:
a) desorganizar, inquietar, retardar ou destruir forças inimigas em profundidade;
b) interditar instalações inimigas em profundidade, com prioridade para seus sistemas de defesa aeroespacial, logístico e de C^2;
c) ocupar uma instalação inimiga para manter seu funcionamento ou utilizá-la em apoio à manobra do Esc Sp;
d) resgatar ou evacuar pessoal e/ou material amigo civil ou militar;
e) capturar equipamentos críticos ou pessoal inimigo;
f) satisfazer necessidades de inteligência;
g) realizar uma demonstração de força; e
h) obter outros efeitos psicológicos e/ou diversionários.

3.4.3 As Inc Aet são semelhantes a outras incursões, exceto pelo fato de que a força de incursão (F Inc) utiliza o transporte aéreo para se deslocar. Essa Op Aet não é compatível com o escalão brigada, entretanto a Bda Inf Pqdt pode empregar, simultaneamente, mais de uma FT nível batalhão ou subunidade nesse tipo de operação.

3.4.4 Devido à necessidade de agregar os elementos mínimos necessários à autossuficiência da tropa aeroterrestre designada para a missão, também é desejável a formação de FT.

3.4.5 A natureza da missão pode requerer o acréscimo de meios especializados. Ainda assim, a tropa aeroterrestre deve ter seus elementos agrupados segundo as tarefas essenciais a executar no objetivo – assalto, segurança, apoio de fogo e reserva.

3.4.6 A fim de minimizar os riscos ao sigilo nos deslocamentos, o valor de uma F Inc aeroterrestre deve ser o mínimo necessário para assegurar o cumprimento da missão. A surpresa, a rapidez e a violência na ação são fatores que contribuem para o aumento do poder relativo de combate durante a ação no objetivo, em detrimento da vantagem numérica em relação ao inimigo.

3.4.7 Precursores paraquedistas, infiltrados previamente na A Op, possuem as mesmas responsabilidades elencadas no Ass Aet. Eles constituem elementos fundamentais às ações de reconhecimento, vigilância e aquisição de alvos e, ainda, de auxílio ao desembarque.

3.4.8 Não é comum a configuração de um Esc Acomp para as operações de Inc Aet. Quanto ao Esc R, seu papel como interface logística diminui de expressão, sobressaindo os trabalhos de C^2 em proveito da F Inc.

3.4.9 FASES DE UMA INCURSÃO AEROTERRESTRE

3.4.9.1 Preparação e Movimento Aéreo

3.4.9.1.1 A Inc Aet possui fases análogas ao Ass Aet, desde a ordem de alerta até a decolagem das aeronaves.

3.4.9.1.2 A Bda Inf Pqdt, na Inc Aet, pode ter parte da fase de movimento aéreo coincidindo com as ações táticas subsequentes. Tal procedimento está condicionado aos meios empregados para o seu regresso.

3.4.9.2 Ações Táticas Iniciais

3.4.9.2.1 As ações táticas iniciam-se com a chegada da F Inc aeroterrestre ao solo e terminam com a realização de uma ou mais ações táticas: destruir, capturar, interditar, assegurar, resgatar, evacuar *etc*.

3.4.9.2.2 A surpresa, a dissimulação, a existência de superioridade aérea local e a disponibilidade de apoio de fogo são requisitos básicos para uma incursão.

3.4.9.2.3 As incursões podem ser conduzidas dentro ou fora da distância de apoio do escalão imediatamente superior às F Inc.

3.4.9.2.4 Normalmente, as incursões são limitadas no tempo e no espaço, ficando o apoio logístico restrito ao que possa ser conduzido no fardo de combate ou lançado. Entretanto, planos alternativos devem ser elaborados para suprir a tropa.

3.4.9.3 Ações Táticas Subsequentes

3.4.9.3.1 As ações táticas subsequentes incluem todas as ações desencadeadas após o término da ação ofensiva inicial, englobando, normalmente, o retraimento ou a retirada.

3.4.9.3.2 Nas Inc Aet, tanto a retirada quanto o retraimento são planejados previamente. A ação de retirada em uma Op Aet, normalmente, ocorre na sequência de um retraimento e, prioritariamente, em uma Inc Aet, é realizada por via aérea, a partir de uma distância de segurança dos objetivos.

3.4.10 PLANEJAMENTO DA INCURSÃO AEROTERRESTRE

3.4.10.1 As responsabilidades pela confecção de cada plano e a técnica do planejamento reverso são semelhantes àquelas determinadas pelo Ass Aet.

3.4.10.2 Plano Tático Terrestre

3.4.10.2.1 O plano tático terrestre deve incluir a realização de um movimento tático terrestre entre a Z Dbq e os objetivos, com emprego das técnicas de infiltração. Caso algum apoio local esteja disponível, meios de transporte terrestre e aquático podem ser utilizados.

3.4.10.2.2 A Inc Aet necessita de um esquema de manobra detalhado e de um plano de apoio de fogos para a ação no objetivo. O esquema de manobra deve abranger um isolamento aproximado e a ação no objetivo propriamente dita. Se possível, deve ser previsto um isolamento afastado do objetivo, por intermédio de fogos aéreos e navais, além de ações de forças irregulares por tropas especializadas.

3.4.10.2.3 Deve ser realizado o planejamento do retraimento sob pressão e da retirada por exfiltração terrestre até as linhas amigas ou até um ponto de embarque em meios aéreos, terrestres, aquáticos ou mistos.

3.4.10.2.4 A força que realiza uma incursão sempre retrai após o cumprimento de sua missão. Uma vez que já foi quebrado o sigilo devido à ação no objetivo, o retraimento se torna a parte mais sensível da operação, devendo ser cuidadosamente planejado e conduzido. No caso de uma F Aet, deve ser previsto mais de um itinerário de retraimento até um ponto de exfiltração principal e alternativo.

3.4.10.3 Plano de Desembarque

3.4.10.3.1 O plano de desembarque deve prever a reorganização da tropa em região próxima ao objetivo, visando a diminuir o risco de detecção. O lançamento aéreo noturno deve ser explorado com prioridade.

3.4.10.3.2 Não sendo possível a manutenção do sigilo, o desembarque por pouso de assalto é o mais indicado por favorecer a rapidez e a surpresa.

3.4.10.4 Plano de Movimento Aéreo

3.4.10.4.1 O plano de movimento aéreo deve considerar o emprego das técnicas de infiltração e exfiltração aeroterrestre, o que exige tripulações especialmente adestradas.

3.4.10.4.2 As Inc Aet, para favorecer a manutenção do sigilo e a obtenção da surpresa, devem ser executadas sob condições de baixa visibilidade. As dificuldades para o emprego dos meios aéreos sob tais condições reforçam a necessidade de um maior grau de adestramento das tripulações.

3.4.10.4.3 A execução de incursões diurnas requer maior volume de apoio de fogo aéreo e maior atenção quanto à dissimulação, de maneira a dificultar o esforço de inteligência do inimigo.

3.5 CONQUISTA DE AERÓDROMOS

3.5.1 No contexto de uma Op Aet, a conquista de um aeródromo deve ser buscada para promover a elasticidade e a sustentabilidade das operações. Por esse motivo, sempre que possível, deve ser o primeiro objetivo a ser conquistado, permitindo a continuidade das operações, por intermédio dos meios advindos do escalão de acompanhamento e apoio.

3.5.2 Os requisitos para a conquista de um aeródromo dependem da análise dos fatores da decisão e da intenção do Cmt Bda Inf Pqdt. A localização do aeródromo a ser conquistado deve facilitar as atividades de carga e descarga do Esc Acomp, caso este esteja previsto na manobra. Na hipótese de ser inviável a conquista de aeródromo, rodovias podem ser destinadas para esse fim.

3.5.3 É desejável que a L C Pnt Ae englobe o aeródromo ou a pista destinada para tal finalidade. Tal fato colabora para as atividades de desembarque dos Esc Acomp.

3.5.4 Caso o aeródromo esteja localizado fora da C Pnt Ae, deverá ser designada uma tropa, normalmente valor SU, para conquistá-lo e mantê-lo até o desembarque do Esc Acomp.

3.5.5 ETAPAS PARA A CONQUISTA DE AERÓDROMOS

3.5.5.1 Para a tomada de aeródromo, ocorre o desembarque por intermédio das seguintes etapas:
a) etapa 1 – antes da conquista, Eqp Prec Pqdt são necessárias para as ações de reconhecimento, vigilância e aquisição de alvos. Seu desdobramento no terreno obedece aos mesmos princípios e finalidades do escalão Prec em uma

Op Aet;
b) etapa 2 – ocorre o desembarque de tropas destinadas ao estabelecimento de um perímetro de segurança ao redor das pistas de pouso, conquistando elevações e outros acidentes no terreno que concorram para essa finalidade. O efetivo destinado ao cumprimento de tal missão varia de acordo com os fatores da decisão e sua chegada pode ocorrer por intermédio de um pouso de assalto ou salto de paraquedas em uma ZL próxima; e
c) etapa 3 – com a segurança estabelecida, o efetivo, até então desdobrado para a conquista do aeródromo, é reforçado com a chegada de mais tropas por intermédio de pouso de assalto.

3.5.5.2 Obedecidas as etapas para a conquista de aeródromo, este estará em condições de ser operado, a fim de que a Bda Inf Pqdt prossiga em suas ações com os efetivos e equipamentos provenientes de pousos sucessivos.

3.5.5.3 A Bda Inf Pqdt pode, ainda, ser empregada para tão somente conquistar o aeródromo em proveito de outra tropa a ser aerotransportada. Tal ação permite que essa tropa desembarque em segurança, a fim de cumprir missões determinadas pelo seu escalão enquadrante. Ao longo de todo esse processo, Eqp Prec Pqdt podem realizar a coordenação do espaço aéreo e do fluxo de aeronaves no aeródromo, até o possível reforço por equipes especializadas da F Ae.

3.5.5.4 Elementos de engenharia podem ser designados para melhorar as condições da pista.

CAPÍTULO IV

COMANDO E CONTROLE

4.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

4.1.1 O C^2 constitui-se no exercício da autoridade e da direção que um Cmt tem sobre as forças sob seu comando, para o cumprimento da missão designada.

4.1.2 O C^2 viabiliza a coordenação entre a emissão de ordens e diretrizes e a obtenção de informações sobre a evolução da situação e das ações desencadeadas.

4.1.3 O C^2 envolve três componentes básicos: a autoridade legitimamente investida, a sistemática do processo decisório e a estrutura necessária para o Cmt acompanhar o desenvolvimento das operações.

4.1.4 Na Bda Inf Pqdt, a autoridade e o processo decisório seguem as mesmas prescrições das demais GU. Já a sua estrutura de C^2 deve permitir que seus comandos, nos diversos níveis, sejam capazes de ligar-se a elevadas distâncias e por tempo indeterminado, tendo em vista o seu desdobramento ocorrer em profundidade.

4.1.5 Buscando atender aos princípios da amplitude de desdobramento e da continuidade, atinentes ao emprego das comunicações, pode ser realizada a integração dos materiais de emprego militar (MEM) da Bda Inf Pqdt com meios satelitais. Tal ação minimiza os efeitos negativos causados pelo distanciamento entre o Cmdo da Brigada e os seus elementos desdobrados.

4.1.6 O emprego da Bda Inf Pqdt deve primar pelo adestramento quanto à utilização da estrutura de C^2, uma vez que o sigilo e a obtenção da surpresa são fatores primordiais para seu emprego. Assim, é fundamental que os meios de C^2 sejam utilizados, respeitando-se as devidas medidas de proteção eletrônica.

4.2 PARTICULARIDADES DO COMANDO E CONTROLE NA BRIGADA DE INFANTARIA PARAQUEDISTA

4.2.1 O emprego dos meios da Bda Inf Pqdt deve estar judiciosamente ajustado às suas necessidades operacionais, dadas suas características e capacidades. Na situação mais comum, a Bda Inf Pqdt integra uma F Aet, ficando, nesse caso, subordinada a distintos escalões conjuntos ou singulares, sob diversas situações de comando ao longo das operações.

4.2.2 Em Op Aet, a Bda Inf Pqdt realiza seu deslocamento para a área de objetivos de forma escalonada. Isto obriga o estabelecimento de uma situação de comando descentralizada, em especial entre as peças de manobra e os elementos de apoio ao combate e de apoio logístico, até o final das ações táticas iniciais.

4.2.3 Nas ações táticas subsequentes, os elementos de apoio ao combate e de apoio logístico, normalmente, são centralizados e empregados em apoio geral à Bda Inf Pqdt.

4.2.4 A Cia Prec Pqdt, normalmente, permanece centralizada sob controle do Cmdo da brigada, durante toda a Op Aet. Tal situação permite ao Cmt da brigada usufruir de maneira mais célere das capacidades dessa subunidade em proveito de todos os elementos de manobra da Bda Inf Pqdt. A despeito disto, é importante salientar que as missões táticas e situações de comando variam de acordo com os fatores da decisão.

4.3 LIGAÇÕES NECESSÁRIAS

4.3.1 Considerando que, usualmente, a Bda Inf Pqdt é parte de uma FT Cj Aet, é fundamental que a GU aeroterrestre tenha sua estrutura de C² efetivamente integrada à do escalão enquadrante. Nesse sentido, avulta de importância o princípio da integração. Este transcende os equipamentos e engloba todas as estruturas e sistemas vocacionados ao pleno exercício do C².

4.3.2 Cabe à Cia Com Pqdt a missão de instalar, explorar, manter e proteger a estrutura de C² da Bda Inf Pqdt, promovendo o complexo fluxo de informações existentes entre o Cmdo Bda Inf Pqdt e o escalão enquadrante, bem como com suas frações desdobradas.

4.3.3 O oficial de comunicações e eletrônica da Bda Inf Pqdt é o Cmt Cia Com Pqdt. Ele tem a função de assessorar o Cmdo Bda Inf Pqdt acerca dos temas atinentes à função de combate C², especialmente em questões que envolvam a segurança das comunicações, a proteção eletrônica e cibernética e a localização dos postos de comando (PC) e dos centros de comando e controle (CC²) da Bda Inf Pqdt.

4.3.4 Devem ser adotadas rígidas medidas de coordenação e controle pelas frações componentes do Esc Prec e do Esc Ass. No emprego desses componentes, deve ser priorizado o fator segurança, sendo fundamental a manutenção do sigilo, a partir da fase de movimento aéreo.

4.3.5 O Esc Acomp é posicionado o mais próximo possível das frações a serem apoiadas, priorizando o princípio do apoio cerrado. A continuidade das ligações frente à amplitude de desdobramento da Bda Inf Pqdt deve nortear o estabelecimento das comunicações, especialmente nas ligações realizadas com o Esc R.

4.3.6 Deve ser evitada ao máximo a utilização de equipamento rádio pelas frações empregadas no Esc Prec, após a fase de preparação, priorizando-se outros meios de comunicações. Assim, o adestramento e o ensaio, visando a consolidar as TTP, tornam-se muito importantes para o desencadeamento das ações planejadas.

4.3.7 O equipamento necessário para o enlace das frações do Esc Prec com os demais escalões deve estar baseado em sistemas de comunicações satelitais seguros. Como alternativa, pode-se adotar a utilização de equipamentos que proporcionem comunicações rápidas, flexíveis e seguras, provenientes de meios não satelitais.

4.3.8 As ligações entre a Bda Inf Pqdt e o componente aéreo devem estar padronizadas nas instruções para exploração das comunicações e eletrônica da F Aet. Esses enlaces devem ser caracterizados pela simplicidade e rapidez.

4.3.9 O adestramento dos operadores, especialmente no que tange aos sistemas de autenticação, deve ser objeto de intenso treinamento visando à plena integração entre os componentes aéreo e terrestre, atuando de maneira combinada quando empregados em operações.

4.3.10 O material de comunicações da Bda Inf Pqdt deve ser modular, leve, de elevada rusticidade e pouco volumoso, permitindo que seja lançado de aeronave militar em pleno voo.

4.3.11 A dificuldade de ressuprimento das frações empenhadas deve ser considerada, priorizando equipamentos portáteis que possibilitem o carregamento por luz natural (carregamento por células fotovoltaicas) e/ou através de carregamento por outros meios que utilizem conversão de energias naturais em eletricidade.

4.3.12 As restrições ao aerotransporte e aos lançamentos limitam as ligações. Assim, os escalões desdobrados devem mobiliar o mínimo de redes, ficando apenas aquelas imprescindíveis para a manutenção da consciência situacional dos comandantes.

4.4 CONSCIÊNCIA SITUACIONAL

4.4.1 A condução satisfatória das operações depende da manutenção da consciência situacional, a fim de que as decisões ocorram com oportunidade. Nesse sentido, todas as frações empenhadas são sensores dos quais o EM Bda Inf Pqdt dispõe para satisfazer as necessidades de inteligência.

4.4.2 As turmas de caçadores e turmas de reconhecimento, orgânicas dos BI Pqdt, possuem adestramento e material específico, que lhes permitem atuar em boas condições como sensores de inteligência dentro das Z Aç e áreas de influência das respectivas OM.

4.4.3 O Esqd C Pqdt possui frações que cumprem missões de reconhecimento e segurança. A subunidade de cavalaria orgânica da GU Pqdt é dotada de radares de vigilância terrestre, SARP e caçadores. Ela pode atuar na área de influência ou de interesse da GU Pqdt, dentro do alcance das comunicações, a partir do momento de seu desembarque.

4.4.4 A Cia E Cmb Pqdt possui pessoal e material capaz de realizar reconhecimentos especializados em obras de arte, pontes, pistas de pouso, transposição de cursos de água, entre outros.

4.4.5 A Cia Prec Pqdt opera em pequenos efetivos dotados de SARP, além de possuir caçadores dotados de equipamentos optrônicos precisos que facilitam o cumprimento de ações de reconhecimento e vigilância.

4.4.6 O diagnóstico das condições meteorológicas, levantado pela Cia Prec Pqdt, serve de subsídio para que o Cmdo da brigada mantenha atualizado seus planejamentos, emitindo diretrizes e ordens oportunas.

4.4.7 Todos os sensores disponíveis devem favorecer o levantamento de possíveis alvos e regiões de procura de posição para o desdobramento do GAC Pqdt.

4.4.8 Para a Bia AAAe Pqdt, há a possibilidade do levantamento de regiões para a instalação dos respectivos radares, elencando as possíveis zonas de sombra.

4.4.9 Conforme as capacidades de cada elemento orgânico da Bda Inf Pqdt, pode ser organizado um dispositivo que permita obter consciência situacional adequada, por intermédio de zonas concêntricas, a partir da C Pnt Ae.

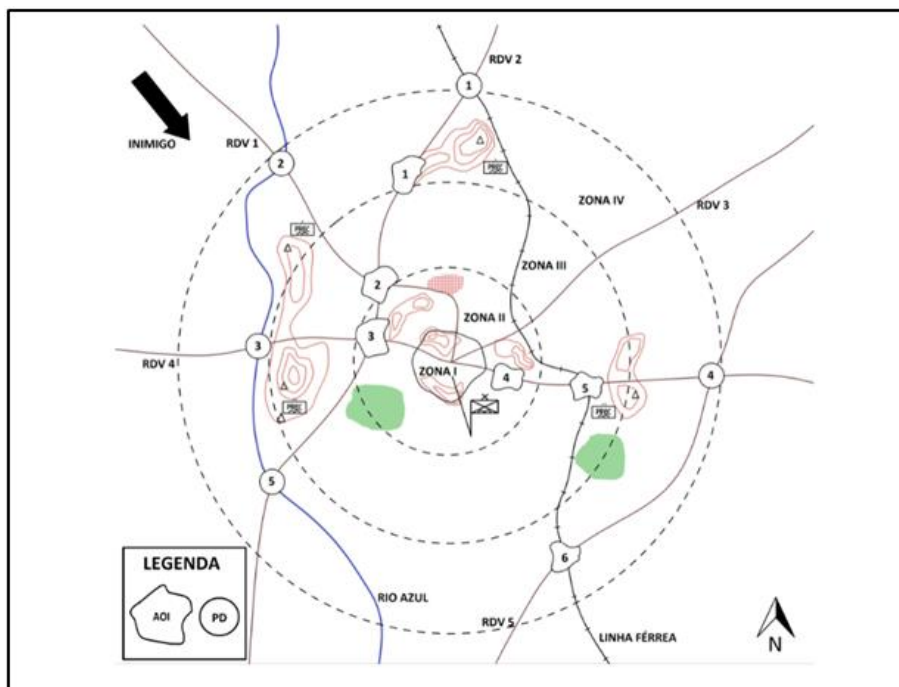



Fig 4-1 – Exemplo de zonas de vigilância da Bda Inf Pqdt na C Pnt Ae

4.4.10 Cabe ressaltar que a rede de vigilância da Bda Inf Pqdt pode ser ativada progressivamente com a seguinte distribuição de meios:
a) zona I – observadores avançados de artilharia e frações de reconhecimento orgânicas dos BI Pqdt. Seu espaço é a própria profundidade da Z Aç GU Pqdt;
b) zona II – elementos orgânicos do Esqd C Pqdt e/ou da Cia Prec Pqdt. A profundidade dessa zona é o limite da área de influência;
c) zona III – meios de guerra eletrônica, caso recebidos e conforme os fatores da decisão, e elementos orgânicos do Esqd C Pqdt e/ou da Cia Prec Pqdt. Essa zona é delimitada pelo alcance das comunicações e se encontra na área de interesse da Bda Inf Pqdt; e
d) zona IV – compreende a região onde não há alcance de comunicações rádio com a C Pnt Ae, encontrando-se na área de interesse da Bda Inf Pqdt. Pode ser monitorada por elementos da Aviação do Exército, da Aviação de Reconhecimento da Força Aérea Brasileira (baseados na A Op) e do SARP.

4.4.11 As frações da Cia Prec Pqdt, devido às suas capacidades, são utilizadas em qualquer local da área de influência e da área de interesse da Bda Inf Pqdt.

4.5 POSTOS DE COMANDO

4.5.1 POSTO DE COMANDO PRINCIPAL

4.5.1.1 O posto de comando principal (PCP) é o órgão de C² voltado para o planejamento e a coordenação das ações táticas correntes e futuras.

4.5.1.2 O EM Bda Inf Pqdt deve propor a(s) possível(eis) localização(ões) dos PCP, PC tático (PCT) e PC alternativo (PC Altn). A responsabilidade pela preparação das instalações e pela segurança do PCP é atribuída à Cia C Bda Inf Pqdt. Já a operação dele é de responsabilidade da Cia Com Pqdt.

4.5.1.3 As OM Bda Inf Pqdt realizam o desdobramento de seus PC em posições que permitam a manutenção das ligações com o PCP da brigada.

4.5.1.4 No caso da Cia Com Pqdt, Cia Prec Pqdt, Cia C Bda Inf Pqdt e do Pel PE Pqdt, os PC, normalmente, são desdobrados justapostos ao PCP Bda Inf Pqdt. Isto se justifica por serem tropas que proveem a segurança do PC da brigada e que colaboram sobremaneira para a manutenção da consciência situacional do Cmt Bda Inf Pqdt.

4.5.1.5 O PCP da brigada, bem como de suas OM, deve ser autossuficiente, empregando tecnologia que permita o funcionamento contínuo dos equipamentos, além de possuir estrutura leve e modular. Assim, há a possibilidade de ser aerotransportado, facilmente instalado e organizado, após seu lançamento aeroterrestre.

4.5.1.6 O PCP Bda Inf Pqdt, quando desdobrado, é composto pelo:
a) centro de comando e controle (CC²) – é responsável pelo planejamento e pela condução das operações da Bda Inf Pqdt;
b) centro de operações (C Op) – é responsável pela coordenação e pelo gerenciamento do fluxo de informações da Bda Inf Pqdt; e
c) centro de dados (CD) – é o responsável por armazenar informações e gerenciar os bancos de dados existentes.

4.5.1.7 Os sistemas de tecnologia da informação e comunicações devem ser o vetor de integração de todos esses elementos.

4.5.1.8 A Cia C Bda Inf Pqdt é responsável por mobiliar a estrutura física do CC², enquanto a Cia Com Pqdt é a responsável por mobiliar a estrutura de tecnologia da informação e comunicações.

4.5.1.9 Ao ser desdobrado em uma Op Aet, o PCP Bda Inf Pqdt tem em sua composição o Cmt da brigada e o EM. Além desses, os seguintes elementos podem compor o PCP:
a) elementos de inteligência e de operações das forças singulares envolvidas;
b) Aviação do Exército;
c) defesa antiaérea;
d) elemento de coordenação do apoio de fogo;
e) comunicações;
f) guerra eletrônica;
g) defesa química, biológica, radiológica e nuclear (DQBRN);
h) Engenharia; e
i) outros elementos de ligação (Prec Pqdt, operadores psicológicos *etc*.) a critério do Cmt da brigada.

4.5.1.10 A localização do PCP deve ocorrer de maneira a assegurar o pleno exercício do C² pelo Cmt da brigada. Em Op Aet, onde há o desdobramento de C Pnt Ae nível batalhão, o PCP Bda Inf Pqdt pode permanecer em seu interior.

4.5.1.11 Na fase de preparação das Op Aet, o PCP Bda Inf Pqdt é localizado na área de concentração e deve ser aberto desde a infiltração das Eqp Prec Pqdt. Nessa etapa, são definidos os locais do PCP na fase do movimento aéreo, nas ações táticas iniciais e ações táticas subsequentes, conforme os fatores de localização de PC e fatores da decisão.

4.5.1.12 Quando não houver a ativação do PCT, o PCP é o responsável pelo processamento de mensagens e provisão de consciência situacional do Cmt.

4.5.1.13 Os fatores para escolha do PC são levantados de acordo com o manual As Comunicações na Força Terrestre.

4.5.2 POSTO DE COMANDO TÁTICO

4.5.2.1 O PCT Bda Inf Pqdt é uma estrutura de C² da Bda Inf Pqdt adaptada para fornecer consciência situacional ao Cmt da brigada em deslocamento, propiciando rapidez, agilidade, flexibilidade e condições para a tomada de decisão em toda a Z Aç.

4.5.2.2 O PCT tem constituição leve e com elevada mobilidade. Possui estrutura que possibilite o trâmite de informações entre o Cmt e os outros órgãos de C², como o PCP.

4.5.2.3 O PCT é ativado sempre que houver a necessidade de o Cmt Bda Inf Pqdt acompanhar a manobra, o que ocorre em situações que exijam a coordenação oportuna entre seus elementos subordinados.

4.5.2.4 Em Op Aet, o PCT desembarca com o Ess Ass, conforme a necessidade de sua ativação.

4.5.2.5 O PCT é composto pelo Cmt Bda Inf Pqdt e pelos elementos da Cia C, responsáveis pela segurança, e da Cia Com Pqdt, responsáveis pela manutenção da consciência situacional do Cmt Bda Inf Pqdt. Caso a plataforma utilizada como PCT permita, devem ser adicionados elementos do EM e de ligação necessários ao assessoramento para a tomada de decisões.

4.5.3 POSTO DE COMANDO ALTERNATIVO

4.5.3.1 O PC Altn Bda Inf Pqdt é uma estrutura que assume as funções de PCP em situações de emergência ou de eventual destruição deste. Geralmente, é justaposto ao PCP de um elemento subordinado que não esteja sendo empregado em 1º escalão. Devido à sua localização e boa estrutura de C^2, normalmente, o PCP do GAC Pqdt é empregado para tal finalidade.

4.5.3.2 O PC Altn deve possuir elementos em condições de desdobrar e operar um CC^2, integrando-o totalmente às estruturas de C^2 do PCP.

4.5.4 POSTO DE COMANDO DO ESCALÃO RECUADO

4.5.4.1 O PC do Esc R Bda Inf Pqdt é desdobrado na área de concentração, justaposto ao PCP, quando este ainda não tiver sido deslocado. Tem por objetivo viabilizar o suporte oferecido pelo Esc R nas Op Aet.

4.5.4.2 O PC Esc R conta com o apoio da Cia Com Pqdt e da Cia C Bda Inf Pqdt, sendo chefiado pelo Cmt B Log Pqdt. É também composto por elementos do B DOMPSA e demais componentes relacionados à função de combate logística.

CAPÍTULO V

LOGÍSTICA

5.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

5.1.1 A logística da Bda Inf Pqdt deve adequar-se à multiplicidade de situações de emprego da GU aeroterrestre e considerar a complexidade das operações realizadas em solo inimigo para prever e prover o apoio das diversas funções logísticas.

5.1.2 Em Op Aet, a logística deve permitir que a brigada atue por até três dias sem ressuprimento. Havendo o recebimento de meios, a sustentabilidade da Bda Inf Pqdt pode se estender tanto quanto esses provimentos permitirem o desdobramento da tropa, conforme decisão do Esc Sp.

5.1.3 Maiores informações sobre a logística da Bda Inf Pqdt podem ser obtidas em consulta aos manuais Logística Militar Terrestre; Batalhão Logístico; e Batalhão de Dobragem, Manutenção de Paraquedas e Suprimento pelo Ar (B DOMPSA).

5.2 BATALHÃO LOGÍSTICO PARAQUEDISTA

5.2.1 O B Log Pqdt é o elemento principal da estrutura de apoio logístico da Bda Inf Pqdt. É o responsável por desdobrar a base logística de brigada (BLB) e lançar até três destacamentos logísticos (Dst Log) no caso da descentralização dos elementos de combate, com o emprego isolado das FT BI Pqdt.

5.2.2 A missão do B Log Pqdt é executar as tarefas logísticas em proveito da GU aeroterrestre nas funções logísticas recursos humanos, suprimento, manutenção, salvamento, saúde, engenharia e transporte.

5.2.3 O B Log Pqdt realiza ressuprimento aéreo de todas as classes por intermédio de lançamento de cargas leves até 500 libras, também provê o suprimento para o B DOMPSA preparar cargas para serem aerotransportadas.

5.2.4 O B Log Pqdt reforça a logística dos elementos de manobra, principalmente voltada para as classes V e IX.

5.2.5 Em Op Aet, o desdobramento logístico da Bda Inf Pqdt compreende o estabelecimento de instalações reduzidas. A maioria dos meios logísticos permanecem junto ao Esc R, compondo a BLB. O apoio logístico às C Pnt Ae se dá por intermédio de Dst Log.

5.2.6 A BLB é a área onde são desdobradas as estruturas orgânicas do B Log Pqdt e outros recursos específicos necessários ao apoio à Bda Inf Pqdt. A organização da BLB é modular, de modo a possibilitar o apoio logístico às operações e a assegurar certo grau de autonomia à força apoiada.

5.2.7 Caso seja desdobrada apenas uma C Pnt Ae, ou quando houver a insuficiência de meios logísticos, haverá a centralização do apoio em apenas um Dst Log. Todavia, se a manobra for descentralizada em mais de uma C Pnt Ae, nível FT BI Pqdt, o B Log Pqdt poderá instalar até três Dst Log para prover o apoio logístico cerrado para os elementos de manobra.

5.2.8 Por ocasião do planejamento logístico, deve ser considerada a exposição dos eixos principais de suprimento às ações inimigas. Para a definição dessa cadeia logística, deve-se ter como base o exame de situação da logística e a diretriz de planejamento do Cmt da brigada.

5.2.9 O Dst Log é uma estrutura flexível, modular e adaptada às necessidades logísticas do elemento apoiado. Os Dst Log são constituídos por elementos de C^2 e por um número variável de módulos logísticos adaptados à tarefa a cumprir.

5.3 BATALHÃO DE DOBRAGEM, MANUTENÇÃO DE PARAQUEDAS E SUPRIMENTO PELO AR

5.3.1 O B DOMPSA é uma unidade peculiar da Bda Inf Pqdt e tem como missão potencializar a sustentabilidade dessa GU, realizando todo o apoio logístico relativo ao material aeroterrestre e à preparação do suprimento por via aérea.

5.3.2 Em uma Op Aet, o B DOMPSA tem como possibilidades:
a) desdobrar elementos modulares de dobragem de paraquedas, manutenção e distribuição de material aeroterrestre;
b) realizar a preparação de cargas junto à BLB;
c) reforçar as FT BI Pqdt para o recolhimento do material aeroterrestre lançado;
d) realizar o lançamento de cargas médias (de 500 a 2200 lb) e pesadas (acima de 2200 lb);
e) desdobrar o posto de preparação de cargas no Dst Log da brigada para logística reversa; e
f) operar um terminal de carga.

5.3.3 A fim de apoiar a Op Aet, o B DOMPSA desdobra, junto à BLB Bda Inf Pqdt, um destacamento DOMPSA, cuja composição varia de acordo com o valor da F Aet que será empregada.

5.3.4 Além do destacamento DOMPSA, que compõe o Esc R junto à BLB, é destacada uma Turma DOMPSA, por força-tarefa paraquedista (FT Pqdt), de composição modular, cujas principais atividades são:
a) operar o posto de coleta de material (P Col Mat) aeroterrestre na ZL/Z Dbq;
b) homiziar os materiais aeroterrestres empregados no Ass Aet;
c) salvar o material aeroterrestre empregado no Ass Aet, assim que a situação tática permitir, concentrando esse material na área do Dst Log;
d) ligar-se ao oficial de suprimento aéreo (OSA) da célula logística do EM, a fim de coordenar as atividades de suprimento aéreo que a tropa apoiada necessitar, exercendo, ainda, caso a situação tática permita, a operação da ZL para o lançamento aéreo de suprimento (LAS); e
e) desdobrar e operar um terminal de carga aérea (TECA) avançado, caso haja um aeródromo no interior da C Pnt Ae.

5.4 A LOGÍSTICA DA BRIGADA DE INFANTARIA PARAQUEDISTA NAS OPERAÇÕES AEROTERRESTRES

5.4.1 O desdobramento logístico da Bda Inf Pqdt desenvolve-se em função do tipo de operação em que a GU é empregada. No Ass Aet, uma estrutura logística é preparada na área de aprestamento final, ou seja, no aeródromo de partida, que funcionará durante toda a operação. Ela proporciona uma interface entre o Esc Sp e as tropas na A Op.

5.4.2 Normalmente, um destacamento DOMPSA integra a BLB. Nela, o destacamento realiza as seguintes atividades:
a) provê planejamento operacional do lançamento aéreo de suprimento;
b) realiza a dobragem, o armazenamento e os reparos nos paraquedas necessários ao pessoal e às cargas;
c) prepara as cargas para o lançamento aéreo de suprimento e/ou aerotransporte, conservando os equipamentos necessários ao lançamento; e
d) provê assistência técnica às frações paraquedistas.

5.4.3 Outro fator determinante para a definição da manobra logística da Bda Inf Pqdt em Op Aet é a existência de um aeródromo ou pista de pouso no interior da C Pnt Ae. Tal condição define a quantidade de meios logísticos a serem deslocados para a Z Aç e os processos de aerotransporte.

5.4.4 Na Inc Aet, os meios logísticos empregados devem ser os mínimos necessários para a evacuação de feridos e para a evacuação de materiais leves danificados, a fim de evitar sua utilização pelo inimigo (explosivos para destruição de material avariado e que não tenha condição de ser evacuado), além do apoio ao retraimento.

5.4.5 Em razão das características das Inc Aet, estas são, em princípio, desprovidas de ressuprimento e apoio à manutenção de seus materiais.

5.5 PLANEJAMENTO E EXECUÇÃO DO APOIO LOGÍSTICO

5.5.1 Um centro de coordenação logística (CC Log) deve ser estabelecido pelo Cmdo da brigada na área de concentração e aprestamento, a fim de realizar o planejamento, o exame de situação e o acompanhamento da situação logística da força inimiga.

5.5.2 O CC Log elabora o calco de apoio logístico, a matriz de sincronização e a estimativa logística. Detalhes sobre a confecção desses documentos podem ser obtidos no manual A Logística nas Operações.

5.5.3 O CC Log estabelece um canal técnico direto com a estrutura logística de planejamento do Esc Sp (Comando Logístico do Teatro de Operações/ Comando Logístico da Área de Operações, Comando Logístico do Corpo de Exército ou Comando Logístico de Divisão de Exército) e suas estruturas logísticas de execução (Base Logística Conjunta - Grupos-Tarefas Logísticos, Base Logística Terrestre/Corpo de Exército ou Base Logística Terrestre/Divisão de Exército).

5.5.4 Em Op Aet, a restrição de meios aéreos e a limitada superioridade aérea na A Op restringe o apoio logístico. É desejável a manutenção de um nível operacional de três dias de suprimento na C Pnt Ae. Essa é a mesma quantidade de suprimento que a tropa conduz no Esc Ass.

5.5.5 O E-4 (oficial de logística) da Bda Inf Pqdt realiza o exame de situação logística em trabalho conjunto com o E-3 e com os demais integrantes do EM, a fim de definir a melhor linha de ação da manobra. Ele planeja a manobra logística e assessora o Cmt da brigada nas possibilidades e limitações logísticas que podem influenciar na definição da manobra aeroterrestre.

5.5.6 O E-4 também é o responsável por receber e consolidar as necessidades logísticas de toda a brigada, por intermédio do sumário diário de situação, remetido diariamente pelas FT.

5.5.7 O APOIO LOGÍSTICO NAS FASES DA MANOBRA AEROTERRESTRE

5.5.7.1 O Apoio Logístico na Preparação

5.5.7.1.1 Durante a preparação para a Op Aet, a BLB está desdobrada na área de aprestamento final, normalmente no aeródromo de partida, onde ocorre todo o apoio logístico no transcorrer da citada fase.

5.5.7.1.2 A concentração de meios e de pessoal é coordenada entre o E-4 e o Cmt B Log Pqdt.

5.5.7.1.3 O B Log Pqdt realiza o recebimento e a preparação de todo o suprimento, com exceção do suprimento classe II aeroterrestre, provido pelo destacamento DOMPSA.

5.5.7.1.4 O suprimento inicial é distribuído à tropa por ocasião do aprestamento, a fim de permitir sua preparação para o movimento aéreo e desembarque. As dotações previstas são estabelecidas pelo Cmt da brigada e destinam-se ao consumo imediato. Elas devem ser suficientes para sustentar as operações durante três dias a contar do desembarque.

5.5.7.1.5 A determinação da dotação orgânica para o Esc Ass considera:
a) grau de resistência inimiga esperado durante e após o desembarque;
b) tipo e quantidade das armas empregadas;
c) estimativa de tempo para início do suprimento do Esc Acomp;
d) disponibilidade dos meios aéreos e dos meios de lançamento;
e) condições de operação de aeródromos; e
f) dados médios de planejamento.

5.5.7.1.6 Ao final da fase de preparação, o destacamento DOMPSA desdobra um posto de distribuição de material aeroterrestre, responsável pela distribuição de paraquedas e pelo preparo de toda a carga média e pesada para o lançamento no Ass Aet.

5.5.7.2 O Apoio Logístico no Movimento Aéreo

5.5.7.2.1 As frações do Esc Acomp realizam ajustes logísticos finais para o deslocamento dos seus meios e pessoal para a A Op.

5.5.7.2.2 O destacamento DOMPSA finaliza a preparação das cargas para o embarque nas aeronaves destinadas ao aerotransporte até o aeródromo na Z Aç da brigada.

5.5.7.3 O Apoio Logístico nas Ações Táticas Iniciais

5.5.7.3.1 Durante as ações táticas iniciais, há restrições no apoio logístico aos elementos de manobra na A Op. Devido à necessidade de superioridade aérea para o deslocamento das aeronaves sobre território inimigo, somente os ressuprimentos de emergência são atendidos.

5.5.7.3.2 O B Log Pqdt pode reforçar as FT BI Pqdt com elementos de manutenção, em especial das classes V e IX. Ele também realiza a montagem do posto de coleta de salvados (P Col Slv) para posterior retraimento do material; designa o ponto de concentração de feridos; e reforça as peças de manobra com elementos de saúde, quando necessário.

5.5.7.4 Ações Táticas Subsequentes

5.5.7.4.1 Nas ações táticas subsequentes das Op Aet, o apoio logístico é realizado pelo Dst Log, que é aerotransportado junto ao Esc Acomp.

5.5.7.4.2 Após as instalações logísticas dos Dst Log serem desdobradas, inicia-se o recompletamento da dotação orgânica das unidades. Deve-se observar que os meios pesados permanecem junto à BLB, devendo ser deslocados somente os estritamente necessários.

5.5.7.4.3 Os Dst Log são formados por módulos que atendam às funções logísticas necessárias, reunindo os meios logísticos demandados.

5.5.7.4.4 As forças de junção podem complementar temporariamente a logística dos elementos da Bda Inf Pqdt até que a reversão dos meios da tropa aeroterrestre seja concluída.

5.5.7.4.5 O B Log Pqdt conduz o recolhimento de todo o material lançado sobre a C Pnt Ae e fornece pessoal para as atividades de carregamento das aeronaves de aerotransporte. Quando possível, o recolhimento do material aeroterrestre é realizado por elementos do destacamento DOMPSA.

5.5.7.4.6 O material aeroterrestre utilizado no desembarque, como paraquedas, fardos e pacotes, é recolhido ou homiziado no terreno, ou, ainda, guardado em instalações pela turma DOMPSA. O material deve ser recolhido, por esses elementos, quando a situação tática permitir, e conduzido até o Dst Log e, posteriormente, para a BLB.

5.6 AS FUNÇÕES LOGÍSTICAS

5.6.1 FUNÇÃO LOGÍSTICA SUPRIMENTO

5.6.1.1 O B Log Pqdt é o responsável pelo suprimento de materiais de todas as classes e o B DOMPSA pelos materiais aeroterrestres.

5.6.1.2 O levantamento das necessidades é feito por estimativas logísticas. Cabe ao B Log Pqdt consolidar e definir, seguindo as diretrizes do Cmt da brigada, as necessidades de suprimento dos elementos apoiados. O B DOMPSA determina as necessidades de suprimento aeroterrestre em todas as fases da operação.

5.6.1.3 A BLB recebe seu suprimento proveniente do Esc Sp.

5.6.1.4 Inicialmente, o B Log distribui suprimento classe I para as frações permanecerem em combate por 72 horas, evitando o risco no deslocamento aéreo para ressuprimento de emergência. O Esc Acomp desembarca na C Pnt Ae com os trens das frações e com o Dst Log.

5.6.1.5 A tropa que realizar a junção com a Bda Inf Pqdt pode receber a atribuição de realizar o ressuprimento, conduzindo os itens necessários para a GU aeroterrestre.

5.6.1.6 O ressuprimento aéreo é realizado pelo B DOMPSA, quando se tratar de cargas médias e pesadas, e pelo B Log, no caso de cargas leves com lançamento direto na C Pnt Ae.

5.6.1.7 O aerotransporte tem o seu desembarque no aeródromo, preferencialmente no interior da C Pnt Ae. O recebimento, coordenação e controle dos materiais é de responsabilidade do Dst Log, para posterior distribuição na medida certa a cada fração apoiada.

5.6.2 FUNÇÃO LOGÍSTICA MANUTENÇÃO

5.6.2.1 A manutenção é desempenhada, primordialmente, pelo B Log Pqdt e, de forma suplementar, pelo B DOMPSA, que se encarrega de realizar a manutenção de materiais aeroterrestres.

5.6.2.2 Para informações detalhadas sobre a função logística manutenção, deve ser consultado o manual Logística Militar Terrestre.

5.6.2.3 Levantamento das Necessidades

5.6.2.3.1 Cabe ao B Log Pqdt determinar, seguindo as diretrizes do Cmt da brigada, as necessidades de manutenção dos elementos apoiados.

5.6.2.3.2 O B DOMPSA determina as necessidades de manutenção de material aeroterrestre dos elementos apoiados em todas as fases da Op Aet.

5.6.2.4 Manutenção Preventiva

5.6.2.4.1 Em uma Op Aet, a manutenção preventiva é empregada, primordialmente, nas áreas de concentração e, mais acentuadamente, durante a fase de preparação.

5.6.2.5 Manutenção Corretiva

5.6.2.5.1 Em uma Op Aet, a manutenção corretiva, normalmente, ocorre durante as ações táticas subsequentes. Quando a situação tática permitir, o componente aéreo transporta para a Z Aç os meios disponíveis e retorna com os indisponíveis.

5.6.2.6 Manutenção Preditiva

5.6.2.6.1 O B Log Pqdt não realiza a manutenção preditiva. Quanto ao material aeroterrestre, o B DOMPSA encerra em si mesmo todos os escalões de manutenção.

5.6.2.6.2 O B DOMPSA deve propor ao Cmt da brigada o material de emprego aeroterrestre mais adequado, realizando as modificações necessárias.

5.6.2.6.3 O B DOMPSA pode contar com empresas da base industrial de defesa para a execução da manutenção preditiva.

5.6.3 FUNÇÃO LOGÍSTICA TRANSPORTE

5.6.3.1 A Bda Inf Pqdt possui grande dependência de um adequado apoio logístico para o transporte aéreo, suprimento pelo ar e manutenção de paraquedas. Essa GU somente alcança a mobilidade estratégica com o adequado apoio das aeronaves de uma F Ae.

5.6.3.2 Como limitações da função logística transporte, destacam-se: a grande necessidade de combustível para as aeronaves; a viabilização de atividades funcionais logísticas entre a A Op e as linhas amigas; a reduzida capacidade de transporte de suprimento; e a necessidade do estabelecimento e manutenção de um fluxo logístico constante até a Z Aç.

5.6.3.3 O B DOMPSA é responsável pela preparação dos equipamentos, materiais e suprimentos, visando ao aerotransporte, bem como à condução das operações de terminais de carga.

5.6.3.4 Planejamento

5.6.3.4.1 Cabe ao B Log Pqdt determinar as necessidades demandadas e as capacidades disponíveis, selecionar os modais e elaborar planos em função dos elementos apoiados.

5.6.3.4.2 O B DOMPSA assessora tecnicamente quanto à seleção dos meios e ao planejamento do aerotransporte, levantando os tipos e as quantidades de aeronaves de acordo com suas características.

5.6.3.5 Execução das Missões Planejadas

5.6.3.5.1 Quando utilizado o modal terrestre, as missões planejadas são executadas pelo B Log Pqdt, que cumpre as tarefas de organização de comboios, preparação da carga, embarque, desembarque, entre outras relacionadas.

5.6.3.5.2 No caso da utilização do modal aéreo, as missões planejadas são viabilizadas em conjunto pelo B DOMPSA, que cumpre tarefas afetas à preparação da carga para o aerotransporte, à elaboração de documentos de transporte, ao carregamento da aeronave e ao desembarque.

5.6.3.6 Controle de Movimento

5.6.3.6.1 Todo suprimento tem seu movimento controlado e coordenado pelo B Log Pqdt, auxiliado por militares de ligação em toda a cadeia de transportes. Essa OM rastreia e orienta o destino dos suprimentos enviados.

5.6.4 FUNÇÃO LOGÍSTICA ENGENHARIA

5.6.4.1 A função logística engenharia reúne o conjunto de atividades referentes à logística de material de engenharia, ao planejamento e à produção de água tratada, à gestão ambiental, ao controle dos bens imóveis e à execução de obras e serviços de engenharia.

5.6.4.2 O B Log Pqdt tem a seu encargo a logística dos materiais classe IV e VI e o planejamento e execução do tratamento de água. A execução de obras e serviços de engenharia ficam sob responsabilidade da Cia E Cmb Pqdt, enquanto as atividades de gestão ambiental e controle dos bens imóveis ficam à cargo do Esc Sp.

5.6.4.3 Meios especializados de engenharia do Esc Sp podem integrar o B Log Pqdt.

5.6.4.4 Devido às características das Op Aet, as atividades e tarefas da função logística engenharia são limitadas, em virtude da dificuldade para a inserção de meios.

5.6.4.5 Previsão e Provisão de Material das Classes IV e VI

5.6.4.5.1 O volume e as peculiaridades do material e do equipamento de engenharia exigem que a sua manipulação seja feita por elementos especializados.

5.6.4.5.2 Na zona de combate (ZC), as atividades relacionadas aos suprimentos de material e equipamento de engenharia são realizadas pelo B Log Pqdt.

5.6.4.5.3 Dentro das possibilidades, deve ser feita a máxima utilização de recursos locais específicos de engenharia, inclusive dos equipamentos capturados.

5.6.4.5.4 A Cia E Cmb Pqdt é responsável pela manutenção de 1º e 2º escalões de seu material de engenharia de dotação, bem como dos equipamentos de engenharia recebidos em reforço.

5.6.4.5.5 A manutenção de 2º escalão e a manutenção de retaguarda constituem responsabilidade do B Log Pqdt. Caso a necessidade de manutenção extrapole a sua capacidade, os elementos de apoio logístico do Esc Sp devem se encarregar da manutenção, quando for possível o recolhimento.

5.6.4.6 Planejamento e Execução do Tratamento de Água

5.6.4.6.1 O planejamento e a execução do tratamento de água compreendem a produção, realizada por elementos de engenharia, e a distribuição (envasada ou a granel) de suprimento classe I (água tratada) por intermédio da atuação integrada de equipes da função logística suprimento.

5.6.4.6.2 O planejamento e a execução da produção de água tratada exigem, entre outras ações, a determinação de necessidades; a identificação do(s) ponto(s) de obtenção; a definição de locais de tratamento e armazenamento; e a coordenação da distribuição junto ao B Log Pqdt. Esta pode ser executada por intermédio de suprimento aéreo.

5.6.4.6.3 A atividade de tratamento de água envolve a reparação e a manutenção da infraestrutura civil de abastecimento de água em benefício da força, incluindo a análise, a purificação e a produção de água tratada.

5.6.4.7 Planejamento e Execução de Obras e Serviços de Engenharia

5.6.4.7.1 O planejamento e a execução de obras e serviços de engenharia compreendem o conjunto de processos, técnicas e procedimentos que visam a satisfazer as necessidades das unidades quanto à avaliação, construção, manutenção, ampliação e reparação da infraestrutura física, inserindo-se nas tarefas da atividade apoio geral de engenharia.

5.6.4.7.2 Para a execução de obras e serviços de engenharia, a Cia E Cmb Pqdt vale-se dos seus meios orgânicos, provendo o apoio mínimo necessário ao andamento da manobra.

5.6.4.7.3 As atividades de manutenção da rede mínima de estradas são realizadas pela Cia E Cmb Pqdt com o reforço de equipamentos de engenharia presentes no Esc Acomp.

5.6.4.7.4 Atividades de manutenção e recuperação de aeródromos podem ser desencadeadas pela Cia E Cmb Pqdt.

5.6.5 FUNÇÃO LOGÍSTICA SALVAMENTO

5.6.5.1 As atividades relacionadas à função logística salvamento são realizadas, primordialmente, pelo B Log Pqdt e, de forma suplementar, pelo B DOMPSA em apoio à Bda Inf Pqdt.

5.6.5.2 Em Op Aet, o B DOMPSA encarrega-se de reforçar o P Col Slv com elementos especializados, responsáveis por reunir e resgatar o material aeroterrestre.

5.6.5.3 O material aeroterrestre deve ser resgatado para que possa retornar à cadeia de suprimento. Nesse sentido, o P Col Slv desdobrado pelo B Log Pqdt é reforçado por uma turma DOMPSA.

5.6.5.4 Os materiais das demais classes de suprimento seguem, por logística reversa, o fluxo iniciado nos elementos de manobra – por intermédio de seus P Col Slv – e executado, posteriormente, pelo B Log Pqdt.

5.6.6 FUNÇÃO LOGÍSTICA RECURSOS HUMANOS

5.6.6.1 As atividades relacionadas à função logística recursos humanos são planejadas pela 1ª Seção do EM Bda Inf Pqdt e executadas pelo B Log Pqdt, por intermédio de meios recebidos do Batalhão de Recursos Humanos/Grupamento Logístico. O Cmdo Bda Inf Pqdt planeja e define, por estimativa, a quantidade, as qualificações e o local de permanência do efetivo de recompletamento necessário para suprir com recursos humanos as frações em que se prevê perdas. Isso implica um planejamento minucioso por parte do EM.

5.6.6.2 Após a expedição da ordem de alerta, ou da diretriz de planejamento, as OM Pqdt fornecem ao chefe da 1ª Seção do EM um relatório de situação de pessoal por OM, produto de um processo de gerenciamento dos efetivos prontos.

5.6.6.3 A partir de então, as OM Pqdt atualizam o E-1 (oficial de pessoal) com o relatório de perdas de pessoal e com o sumário diário de pessoal, para a atualização da situação do pessoal.

5.6.6.4 O relatório de situação de pessoal, atualizado diariamente pelo E-1, deve chegar ao B Log Pqdt o quanto antes, a fim de fundamentar o planejamento logístico.

5.6.6.5 Recompletamento

5.6.6.5.1 Ainda na fase de preparação, o B Log Pqdt deve receber do Esc Sp o efetivo já instruído, fardado e equipado, para complementar sua instrução e alojá-los convenientemente.

5.6.6.5.2 Visando à Op Aet, a complementação da instrução do recompletamento pode incidir na formação básica paraquedista ou em readaptações técnicas.

5.6.6.6 Manutenção do Moral e do Bem-Estar

5.6.6.6.1 Caso a situação permita, o B Log Pqdt é responsável por instalar e operar uma área de repouso na BLB.

5.6.6.6.2 Cabe ao B Log Pqdt a prestação dos serviços de banho e lavanderia na BLB, por intermédio de pessoal e equipamento disponíveis.

5.6.6.6.3 O B Log Pqdt é responsável pelo suprimento reembolsável na Bda Inf Pqdt. Ele exerce essa tarefa por intermédio de meios recebidos do Batalhão de Recursos Humanos/Grupamento Logístico coordenando o desdobramento e, se for o caso, o deslocamento das equipes móveis de suprimento reembolsável.

5.6.6.6.4 A agência postal é instalada pelo grupo postal e as correspondências são entregues diretamente nos trens das unidades, se a situação permitir. Nessa ocasião, a agência recebe a correspondência a ser encaminhada aos familiares dos combatentes ou expedida para outros destinos.

5.6.6.7 Execução dos Assuntos Mortuários

5.6.6.7.1 O B Log Pqdt não opera cemitérios provisórios. Entretanto, em situações excepcionais, pode receber essa atribuição, por intermédio de meios recebidos do Batalhão de Recursos Humanos/Grupamento Logístico.

5.6.6.7.2 O B Log Pqdt, valendo-se de meios recebidos do Batalhão de Recursos Humanos/Grupamento Logístico, desdobra um posto de coleta de mortos (P Col M), que deve estar localizado na BLB, oculto das vistas da tropa.

5.6.6.7.3 A coleta e a identificação dos corpos são feitas no P Col M das unidades. Nessa instalação, é finalizado o preenchimento das fichas de identificação dos mortos provenientes das subunidades.

5.6.6.7.4 A evacuação dos mortos para o Esc Sp é responsabilidade da estrutura logística enquadrante. Em uma Inc Aet, a evacuação é realizada pela OM executante.

5.6.7 FUNÇÃO LOGÍSTICA SAÚDE

5.6.7.1 Com medidas preventivas e curativas, as atividades relacionadas à função logística saúde buscam reduzir incidências de baixas e manutenir a higidez física e mental dos elementos apoiados.

5.6.7.2 O B Log Pqdt tem a missão de prestar assistência médica de urgência, por intermédio do desdobramento do posto de atendimento avançado leve. Além disso, também é responsável pelo ressuprimento de material classe VIII e pela manutenção de 1º escalão do seu próprio material.

5.6.7.3 Apoio de Saúde da Brigada nas Operações Aeroterrestres

5.6.7.3.1 O Cmt B Log Pqdt assessora o Cmt da brigada, levantando dados de saúde da A Op e analisando as informações relativas aos militares empregados. Com base nesses dados, em coordenação com o E-4, propõe medidas preventivas, como imunizações, quimioprofilaxia, proteção contra vetores e medidas sanitárias adequadas.

5.6.7.3.2 O B Log Pqdt organiza e distribui o suprimento classe VIII inicial da tropa empregada, devendo este ser suficiente para a manutenção do apoio por 72 horas a partir do desembarque.

5.6.7.3.3 Durante a fase de preparação, o posto de atendimento avançado leve deve ser desdobrado na BLB pelo B Log Pqdt, por intermédio do qual a brigada presta o apoio de saúde aos elementos subordinados ali instalados.

5.6.7.3.4 Na fase do movimento aéreo, o B Log Pqdt adota as medidas preliminares para estruturação do posto de atendimento avançado leve na C Pnt Ae, deslocando os meios necessários juntamente ao escalão de acompanhamento e apoio.

5.6.7.3.5 Por ocasião das ações táticas iniciais, elementos de saúde das unidades desdobradas, escalonados segundo o faseamento tático, mobíliam os postos de socorro, permanecendo as FT incumbidas de prover seu próprio apoio de saúde. Tais unidades podem, ainda, ser reforçadas por elementos da companhia logística de saúde do B Log Pqdt, de acordo com os fatores da decisão.

5.6.7.3.6 Durante as ações táticas subsequentes, o apoio de saúde é prestado pelo posto de atendimento avançado leve, desdobrado pelo B Log Pqdt, no interior da C Pnt Ae. A partir desse posto, o apoio de saúde operacionaliza a triagem e o tratamento imediato das condições que ameaçam a vida, organizando a prioridade de evacuação aérea e terrestre para a BLB.

5.6.7.4 Evacuação da Brigada nas Operações Aeroterrestres

5.6.7.4.1 A evacuação nas Op Aet visa à remoção dos feridos do 1º para o 2º escalão de saúde. Paralelamente, as unidades realizam a evacuação dos militares na linha de contato com o inimigo.

5.6.7.4.2 De acordo com a gravidade do ferido, a evacuação pode ser realizada diretamente para o 3º escalão, sendo esta previamente solicitada via canal de comando.

5.6.7.4.3 Devido às características da atividade aeroterrestre, faz-se necessária a disponibilização de meios aéreos para casos nos quais não há ligação por via terrestre.

ANEXO A

PLANO TÁTICO TERRESTRE (MODELO)

(Rfr: Crt Campo de Instrução de Gericinó – 1:10.000)

Exemplar nº__de __ cópias
Bda Inf Pqdt
RIO DE JANEIRO
121500 ABR 21

COMPOSIÇÃO DOS MEIOS

PARA AS AÇÕES TÁTICAS INICIAIS

FT AFONSOS
- 25º BI Pqdt (- 1ª Cia Fuz Pqdt)
- 3º/1ª Cia E Cmb Pqdt
- 1 Seç L Mnt/20º B Log Pqdt
- 1 Eqp/Dst Sau Pqdt

FT SANTOS DUMONT
- 26º BI Pqdt
- 1ª Cia E Cmb Pqdt (- 3º Pel)
- 1 Seç L Mnt/20º B Log Pqdt
- 1 Eqp/Dst Sau Pqdt

1º Esqd C Pqdt

1º/9º GT (FAB)

8º GAC Pqdt

21ª Bia AAAe Pqdt

20ª Cia Com Pqdt

20º B Log Pqdt
- 20º B Log Pqdt (- 2 Seç L Mnt)

B DOMPSA

Dst Sau Pqdt
- Dst Sau Pqdt (-2 Eqp)

Cia Prec Pqdt

Tr Bda
- Cia C Bda Inf Pqdt
- 36º Pel PE Pqdt

Reserva
- 1ª/25º BI Pqdt

PARA AS AÇÕES TÁTICAS SUBSEQUENTES

FT AFONSOS
- 25º BI Pqdt (- 1ª Cia Fuz Pqdt)

FT SANTOS DUMONT
- 26º BI Pqdt

1º Esqd C Pqdt

1º/9º GT (FAB)

8º GAC Pqdt

21ª Bia AAAe Pqdt

1ª Cia E Cmb Pqdt

20ª Cia Com Pqdt

20º B Log Pqdt
- 20º B Log Pqdt (- 2 Seç L Mnt)

B DOMPSA

Dst Sau Pqdt

Cia Prec Pqdt

Tr Bda
- Cia C Bda Inf Pqdt
- 36º Pel PE Pqdt

Reserva
- 1ª/25º BI Pqdt

1. SITUAÇÃO

a. <u>Forças Inimigas</u>

--

b. <u>Forças Amigas</u>

- As forças amigas presentes no TO (abrange os territórios de AZUL, MARROM, BRANCO e VERMELHO) estão cumprindo as seguintes missões:

1) Força Naval Componente (FNC)

a) Ev Azuvermelhinos e Cid de Azul que assim o desejarem, por via marítima.

b) Reconquistar a Rg Costa Verde e Rg Lagos por meio de Op Anf.

c) Rlz o controle de área marítima.

d) Interditará o apoio externo da CAUS oriundo de outros países, pelo mar.

2) O I C Ex desdobrará seus meios em Z Aç contíguas e não lineares a partir de D na DTA Campos dos Goytacazes - Rio de Janeiro, pela Rdv 101; contribuirá para a interdição das fronteiras terrestres e litoral; protegerá infraestruturas críticas; assistirá à população; evacuará deslocados (SFC); e garantirá o fluxo de suprimento, bem como a assistência humanitária nos campos de deslocados e refugiados, empregando seus elementos subordinados da seguinte maneira:

a) a 3ª DE para conquistar e manter RIO BONITO e ITABORAÍ, além de substituir a FNC em CABO FRIO, SAQUAREMA e MARICÁ.

b) a 2ª DE para conquistar e manter NITERÓI e SÃO GONÇALO.

c) a 1ª DE para conquistar e manter o RIO DE JANEIRO.

3) Força Aérea Componente (FAC)

a) A FAC realizará uma campanha aeroestratégica, a fim de neutralizar forças mecanizadas e blindadas identificadas, além dos meios de Ap F Ini.

b) Estabelecerá e manterá a superioridade aérea no TO, nos momentos e locais planejados.

4) Força Conjunta de Operações Especiais (F Cj Op Esp)

- Rlz operações com ações diretas, indiretas e de reconhecimento especial em prol do Cmdo Cj e das necessidades das F Cte.

c. <u>Meios recebidos e retirados</u>

--

2. MISSÃO

a. A fim de cooperar com o Cmt I C Ex para acelerar o cerco da manobra e garantir o Apvt Exi, a FT Cj Aet deverá realizar um Ass Aet a partir de D/H, por meio da ZL GERICINÓ (22°50'11.14"S - 43°27'7.59"O), para Conq e manter a Rg do entroncamento das Rv 2 e Rv 3 (22°51'13.85"S 43°25'4.27"O), bem como as elevações que dominam a referida região. Mdt O, fazer a junção e substituição com a 21ª Bda C Mec, tudo com a finalidade de permitir a aproximação da vanguarda do I C Ex ao RIO DE JANEIRO. Deverá ainda:

1) Rlz Aç preliminares desde já em preparação para o Ass Aet.

2) Mdt O, apoiar a evacuação de não combatentes.

b. A minha intenção é controlar o entroncamento das Rv 2 e Rv 3, impedindo a Aprox de meios inimigos e preservando os residentes. Para isso, realizar operações militares, de acordo com as leis internacionais, garantir o funcionamento das infraestruturas críticas, bem como a evacuação segura dos não combatentes. Todas as operações realizadas deverão primar pelos princípios de guerra, da ofensiva e da legitimidade, devendo ser pautadas pela proporcionalidade, distinção e necessidade militar. É atividade essencial o estabelecimento de uma C Pnt Ae.

c. O EFD é o acesso na Rg GERICINÓ negado ao inimigo, provocar o seu isolamento, além de agir com o mínimo de danos colaterais sobre a população local e o respeito aos preceitos do DICA.

3. EXECUÇÃO

a. <u>Conceito da Operação</u>

1) Manobra

a) A FT Cj Aet realizará uma Op Aet dividida nas fases de preparação (plano de concentração e aprestamento), movimento aéreo (plano de movimento aéreo), ações táticas iniciais (plano de desembarque e plano tático terrestre) e ações táticas subsequentes (plano tático terrestre).

b) Realizará um Ass Aet, a partir de D/H, na Dire G ZL GERICINÓ - entroncamento das Rv 2 e Rv 3, entre o Rio do Pau (22°51'0.13"S 43°26'20.48"O) e o Parque Anchieta (22°50'13.63"S 43°24'56.59"O).

c) Empregará a FT AFONSOS a NE para Conq e Mnt O1 - Morro do Periquito (22°50'43.49"S 43°25'38.87"O), Morro do Carrapato (22°50'33.03"S 43°25'0.31"O) e Morro do Observatório (22°50'28.11"S 43°25'25.52"O), por meio de uma M Cmb no E Prog PINO.

d) Também empregará a FT SANTOS DUMONT a SO (Atq Pcp) para Conq e Mnt O2 – Cotas Gêmeas (22°51'2.94"S 43°25'34.37"O), Monte Alegre (22°51'25.94"S 43°25'4.78"O), Morro do Jacques (22°51'20.78"S 43°24'45.33"O) e Morro da Jaqueira (22°50'57.00"S 43°24'36.84"O), por meio de uma M Cmb no E Prog GANCHO.

e) Estabelecerá uma C Pnt Ae com a L C Pnt Ae apoiada nas elevações que dominam o entroncamento das Rv 2 e Rv 3.

f) Mdt O, realizará junção e substituição com a 21ª Bda C Mec.

g) Proteger-se-á em todos os flancos.

h) Apd C – Calco de operações.

2) Fogos

a) Alvos altamente compensadores (AAC).

FASES	PRIO	CATEGORIA	DESCRIÇÃO
Ações táticas iniciais	1	Manobra	Elm Bld e Mec que ameacem a Z Dbq.
	2	Meios DAAe	Meios de C² (COAAe Elt) que possam identificar o movimento aéreo da Bda Inf Pqdt.
	3	Ap F	Art 155 e 105 mm e Mrt 81 e 120 mm que possam retardar a Bda Inf Pqdt.
	4	C²	Centros de C² do Ini.
	5	Log	Áreas de Ap Log e/ou instalações Log.
Ações táticas subse-quentes	1	Manobra	Elm Bld e Mec que ameacem as C Pnt Ae.
	2	Ap F	Art 155 e 105 mm e Mrt 81 e 120 mm que possam ameaçar as C Pnt Ae.
	3	C²	Centros de C² do Ini.

b) Alvos sensíveis, restritos e proibidos

(1) Alvos sensíveis: Art L Alc Ini (Fgt), Elm Bld e Mec.

(2) Alvos restritos: as pontes e viadutos da malha rodoviária local.

(3) Alvos proibidos: áreas urbanizadas.

c) Diretrizes ao apoio de fogo:

(1) Prioridade de fogos

- FT SANTOS DUMONT ou a reserva quando empregada.

(2) Diretrizes de fogos

- Coordenar o apoio de fogo com a força de junção.

(3) TEAF:

(a) Ações táticas iniciais

<u>TEAF Nr 1</u>

- Tarefa: Ntz os meios Bld e Mec Ini, impedindo seu acesso à Z Dbq.
- Propósito: a fim de garantir a reorganização.
- Efeitos: Elm Bld e Mec Ini com poder de combate degradado, sem condições de ameaçar a M Cmb da Bda Inf Pqdt.

<u>TEAF Nr 2</u>

- Tarefa: reduzir a capacidade de comando e controle Ini.
- Propósito: a fim de reduzir a coordenação do Ini, favorecendo a manobra da Bda Inf Pqdt.
- Efeitos: PC e meios de GE Ini neutralizados.

(b) Ações táticas subsequentes

<u>TEAF Nr 1</u>

- Tarefa: Ntz os meios Bld e Mec Ini, impedindo seu acesso às C Pnt Ae.
- Propósito: a fim de garantir as C Pnt Ae.
- Efeitos: Elm Bld e Mec Ini com poder de combate degradado, sem condições de ameaçar a C Pnt Ae.

<u>TEAF Nr 2</u>

- Tarefa: executar fogos de interdição nas vias de acesso que incidem nas C Pnt Ae.
- Propósito: a fim de impedir o reforço do inimigo.
- Efeito: C Pnt Ae mantida.

b. FT AFONSOS

1) Rlz Ass Aet a partir de D/H para Conq e Mnt O1, na ZL GERICINÓ, por meio do E Prog PINO.

2) Ultrapassar LP/LC somente Mdt O.

3) Estabelecer parte de uma C Pnt Ae no entorno do entroncamento das Rv 2 e 3.

4) Ficar ECD repelir C Atq.

5) Nas ações táticas subsequentes, estabelecer PAC em sua Z Aç no valor mínimo de 01 Pel, devendo retrair os mesmos somente Mdt O.

6) Mdt O, ser substituída em posição por Elm da 21ª Bda C Mec.

7) Mdt O, retrair.

c. FT SANTOS DUMONT

1) Rlz Ass Aet a partir de D/H para Conq e Mnt O2, na ZL GERICINÓ, por meio do E Prog GANCHO.

2) Ultrapassar LP/LC somente Mdt O.

3) Estabelecer parte de uma C Pnt Ae no entorno do entroncamento das Rv 2 e 3.

4) Ficar ECD repelir C Atq.

5) Nas ações táticas subsequentes, estabelecer PAC em sua Z Aç no valor mínimo de 01 Pel, devendo retrair os mesmos somente Mdt O.

6) Mdt O, ser substituída em posição por Elm da 21ª Bda C Mec.

7) Mdt O, retrair.

d. 1º Esqd C Pqdt

1) Rlz ações de segurança e reconhecimento de ambos os E Prog, priorizando a FT SANTOS DUMONT.

2) Em Coor com o E-2 (oficial de inteligência), monitorar RIPI.

3) Ficar ECD realizar a escolta de comboios.

4) Nas ações táticas subsequentes, Prio os trabalhos em proveito da FT SANTOS DUMONT.

5) Após acolhimento, compor a reserva.

e. Apoio de fogo

1) Apoio de artilharia

a) Generalidades

- A FT SANTOS DUMONT possui a Prio F da Bda Inf Pqdt.

b) Organização para o combate

(1) Art Cmp

----

(2) AAAe

- Prio DA Ae: Elm Ap F, C² e Ap Log, nesta ordem.

c) Outras prescrições

----

2) Apoio de fogo aéreo

----

3) Medidas de coordenação
- Conforme PAF.

f. 1ª Cia E Cmb Pqdt

1) Nas ações táticas subsequentes, Prio os trabalhos em proveito da FT SANTOS DUMONT.

2) Ficar ECD aumentar o Ap Elm Emp 1º Esc.

3) Ap Res quando Emp.

g. 20º B Log Pqdt

1) Ficar ECD de Rsup por meio terrestre e aéreo.

2) Desdobrar um Dst Log no interior da C Pnt Ae.

3) Desdobrar a BLB no Adrm Campos dos Goytacazes.

h. B DOMPSA

1) Ficar ECD preparar carga do Esc Ass para lançamento na ZL.

2) Ficar ECD reconhecer ZL e conduzir Lanç Cg Me e Pe.

3) Montar e mobiliar o terminal de Cg Ae no Adrm partida.

4) Ficar ECD realizar a Log reversa.

i. Cia Prec Pqdt

1) Infiltrar 2 Eqp Prec Pqdt a partir de D-5, através de SLOp Gr Altde na Rg GERICINÓ, a fim de cumprir ações de IRVA.

2) Operar a ZL GERICINÓ.

3) Operar o aeródromo de partida.

4) Em Coor com o E-2, monitorar RIPI.

5) Ficar ECD de reforçar com equipes de caçadores para as FT Pqdt.

6) Ficar ECD de conduzir GAA na A Op.

7) Prio os trabalhos em proveito da FT SANTOS DUMONT.

j. Reserva

- Ensaiar as ações de C Atq, com prioridade para a FT SANTOS DUMONT.

k. Prescrições diversas

1) Os Plj deverão priorizar Aç que causem o menor dano possível à população civil.

2) Dentro das possibilidades, as atividades de contramobilidade e proteção deverão preservar os meios de Eng para os trabalhos técnicos.

3) As OM deverão remeter seus EEI no mais curto prazo.

4) Dispositivo pronto:

a) Na L C Pnt Ae: D+1/0000.

b) Nos PAC: D+1/0600.

4. LOGÍSTICA

----

5. COMUNICAÇÕES

--

ANEXOS:

A – Plano de junção (omitido)
B – Plano de substituição (omitido)
C – Calco de operações
D – Plano de Concentração e Aprestamento
E – Plano de Desembarque
F – Plano de Movimento Aéreo

Gen Bda ___________________________
Cmt Bda Inf Pqdt

ANEXO B

PLANO DE CONCENTRAÇÃO E APRESTAMENTO (MODELO)

OPERAÇÃO SACI

(Rfr: Crt AGULHAS NEGRAS, RESENDE, SÃO JOSÉ DO BARREIRO, BANANAL – 1/50.000 e Crt CAMPO DE INSTRUÇÃO DA AMAN 1:25.000)

1. FINALIDADE

- Regular todas as atividades relacionadas à concentração e ao aprestamento da Operação SACI 2020.

2. REFERÊNCIAS

____

3. QUADRO DE CONCENTRAÇÃO

Escalão	Data	Aeronave	Decolagem	Chegada	Itinerário	OM	Efetivo

4. QUADRO RESUMO DE APRESTAMENTO

a. Escalão de Assalto – (nome da Z Dbq)

Nr Av	Tipo Av	OM Pqdt	Efetivo	Fardos	Lçmt Pesado	Peso Total	Manifesto

b. Escalão de Acompanhamento – (nome da Z Dbq)

Nr Av	Tipo Av	OM Pqdt	Efetivo	Fardos	Lçmt Pesado	Peso Total	Manifesto

5. QUADRO DE CARREGAMENTO E EMBARQUE

a. Escalão de Assalto – (nome da Z Dbq)

Nr Av	Tipo Av	OM Pqdt	Efetivo	Fardos	Lçmt Pesado	Peso Total	Manifesto

b. Escalão de Acompanhamento – (nome da Z Dbq)

Nr Av	Tipo Av	OM Pqdt	Efetivo	Fardos	Lçmt Pesado	Peso Total	Manifesto

Gen Bda ________________________

Cmt Bda Inf Pqdt

ANEXO C

PLANO DE DESEMBARQUE (MODELO)

OPERAÇÃO SACI

(Rfr: Crt AGULHAS NEGRAS, RESENDE, SÃO JOSÉ DO BARREIRO, BANANAL – 1/50.000 e Crt CAMPO DE INSTRUÇÃO DA AMAN 1:25.000)

1. FINALIDADE

- Regular todas as atividades relacionadas ao desembarque da Bda Inf Pqdt por ocasião da Operação SACI 2020.

2. REFERÊNCIAS

____

3. INFORMAÇÕES SOBRE A MISSÃO

a. Tipo de Lançamento (SFC)
b. Aeronaves
1) Tipo de Anv
2) Formação
c. Saídas
1) Nr de saídas e passagens por saída
2) Sequência das saídas
3) Nr de homens por vaga/saída
d. Sequência das tropas, HSO e processos de desembarque
1) ZL Alfa
2) ZL Bravo
3) ZL Charlie

4. CARACTERÍSTICAS E OPERAÇÃO DA ZONA DE DESEMBARQUE

a. Nome
b. Tipo da Z Dbq (ZL, ZP, ZPH)
c. Dimensões da Z Dbq
d. Natureza do solo
e. Obstáculos internos e externos
f. Vento predominante
g. Vias de acesso
h. HPP (SFC)
i. TLV (SFC)
j. Croqui
k. Porta ou rampa (SFC)
l. Corrida para a ZL (SFC)
m. Rampa de aproximação/eixo de pouso/entrada de lançamento
n. Altitude da Z Dbq
o. Altura de lançamento (SFC)

p. Distribuição das tropas na Z Dbq
1) Efetivo, hora e local do desembarque dos escalões
a) Escalão de Assalto
b) Escalão de Acompanhamento
c) Identificação dos capacetes
2) Locais de Reorganização
a) Meios Visuais
b) Distâncias e azimutes em relação ao centro do limite anterior da Z Dbq
3) Reorganização
a) Tipo (balizada/direta/mista)
b) Locais e procedimentos para a entrega do Pqd
4) Zonas de Reunião
5) Desembarque de cargas ou fardos (tipo, Pqd e peso)
6) Estacionamento das aeronaves na Z Dbq
7) Z Dbq alternativas

5. PLANO DE SEGURANÇA DA Z Dbq
a. Procedimento com feridos e mortos amigos
b. Apoio de Fogo
1) Indireto
2) Aéreo
c. Proteção da Z Dbq (neste item serão definidas as responsabilidades, por OM, da segurança da Z Dbq)

6. COMUNICAÇÕES
1) Prescrições rádio
2) Frequências
3) Letras código (tipo e cor)
4) Senhas e contrassenhas
5) Sinais de reconhecimento e autenticação
6) Indicativos rádio

7. SITUAÇÕES DE CONTINGÊNCIA
a. Critérios para abortar o Dbq ou alterar o Pouso
b. Procedimentos frente ao Ini
c. Azimutes de fuga

APÊNDICE ÚNICO – Calcos das zonas de desembarque

Gen Bda ________________________

Cmt Bda Inf Pqdt

ANEXO D

PLANO DE MOVIMENTO AÉREO (MODELO)

<u>OPERAÇÃO SACI</u>

(Rfr: Crt AGULHAS NEGRAS, RESENDE, SÃO JOSÉ DO BARREIRO, BANANAL – 1/50.000 e Crt CAMPO DE INSTRUÇÃO DA AMAN 1:25.000)

1. FINALIDADE

- Regular todas as atividades relacionadas ao movimento aéreo da Operação SACI 2020.

2. REFERÊNCIAS

- ___________

3. CONDIÇÕES DE EXECUÇÃO

a. Meios aéreos empregados:

- 01 C-130 (Hércules), 02 C-105 e 04 C-95.

b. Quadro de eventos:

Dia “D-4” a “D”:

<table>
<tr><th>DIA</th><th>ATIVIDADE</th><th>HORA (P)</th><th>LOCAL</th><th>OBSERVAÇÕES</th></tr>
<tr><td rowspan="3">05 Out (D-4)</td><td>Briefing com a tropa do Op ZL FUNIL</td><td>09:00</td><td rowspan="2">Cia Prec Pqdt</td><td>MS 27º BI Pqdt + Apoios envolvidos na Op SACI + Cmt Bda/OM</td></tr>
<tr><td>Briefing com a tropa da Op ZL NOVA DUTRA</td><td>10:00</td><td>MS 25º BI Pqdt + MS 26º BI Pqdt + Apoios envolvidos na Op SACI + Cmt Bda/OM</td></tr>
<tr><td>Pronto na BAAF para a decolagem da infiltração da Eqp Prec 1 (Livre 12000 Ft)</td><td>18:00</td><td>FUNIL</td><td>Briefing, local Rcb Pqd, local embarque e DEP: BAAF
(02 C-95 - 5º e 3º ETA)
- Outros ETA ficar ECD substituir em caso de pane.</td></tr>
</table>

DIA	ATIVIDADE	HORA (P)	LOCAL	OBSERVAÇÕES
08 Out (D-1)	Pronto na BAAF para a decolagem da infiltração da Eqp Prec 2 (Livre 12000 Ft)	18:00	FUNIL	*Briefing*, local Rcb Pqd, local embarque e DEP: BAAF - C-95 2º ETA
09 Out (D)	*Briefing* conjunto com todas as tripulações e todos os MS dos saltos nas ZL FUNIL e ZL NOVA DUTRA	08:00	Auditório da BAAF	Todos
	Pronto da tropa (1º Avião) para o salto da FT BIGUÁ na BAAF	10:00	BAAF	
	Recebimento de Pqd	10:30		-
	Passagem no falso avião e *briefing* do MS	11:00		-
	Equipagem	11:30		-
	Guarnecer da 1ª Anv	12:00		-
	Decolagem	12:30		-
	Ass Aet	HSO 13:00 1 Anv C-105	ZL FUNIL	Ass Aet da 1ª Dep, decolando de AF para saltar na ZL FUNIL
	Pronto da tropa (2º, 3º, 4º) para o salto da FT BIGUÁ no Aeródromo de Resende	11:30	SDRS	-
	Recebimento de Pqd	12:00	SDRS	-
	Briefing do MS	12:30		-
	Equipagem	12:45		-
	Guarnecer da 2ª Anv	13:15		-
	Decolagem	13:30		-
	Ass Aet	Na Seq	ZL FUNIL	-
	Guarnecer das demais Anv (3ª e 4ª)	- Mdt Ordem do O Lig	SDRS	Todas partindo do Aeródromo de Resende.
	Pronto da tropa na BAAF para o Ass Aet na ZL NOVA DUTRA	15:00	BAAF	-
	Recebimento de Pqd	15:30		-
	Passagem no falso avião e *briefing* do MS	16:00		-

DIA	ATIVIDADE	HORA (P)	LOCAL	OBSERVAÇÕES
	Equipagem	16:30		-
	Guarnecer da 1ª Dep	17:00		-
	Decolagem	17:30		-
	Ass Aet	HSO 18:00 1 Anv C-130 2 Anv C-105 4 Anv C-95	ZL NOVA DUTRA	
	Guarnecer das demais Dep (2ª, 3ª, 4ª, 5ª)	- Mdt Ordem do O Lig		- Previsão de 1h por pernada da ZL NOVA DUTRA; e - Todas as decolagens serão de Afonsos.

c. Efetivos empregados no salto:

OM	Efetivo que salta
ESCALÃO PRECURSOR	85
FT AFONSOS	272
FT SANTOS DUMONT	313
FT BIGUÁ	120

d. Quadro de embarque:

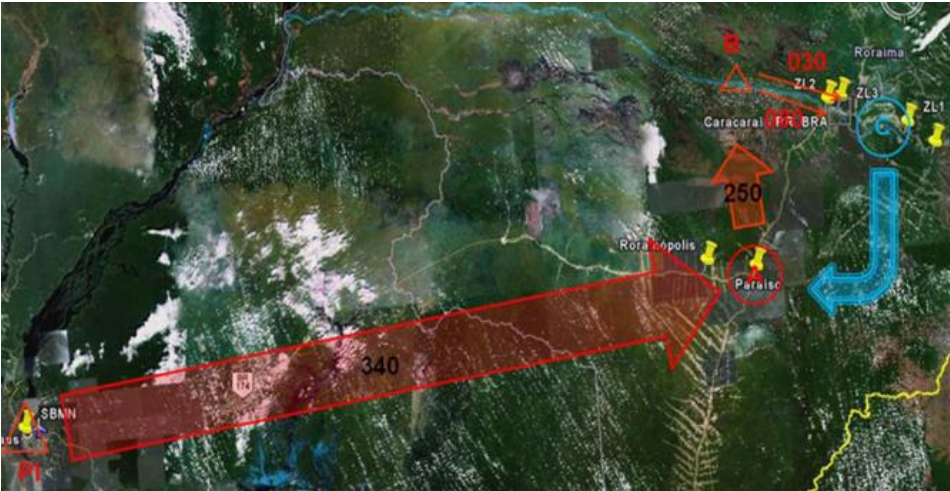
1) FT BIGUÁ (ZL FUNIL)

C-105 (1º/15º G Av)

Av	Vagas	Aux MS /Saca pino	Qtd Max de Fardos, sendo 01 (um) por Dep	Obs
1º Av	25 vagas FT BIGUÁ	27º BI Pqdt	01	
2º Av	30 vagas FT BIGUÁ		01	
3º Av	30 vagas FT BIGUÁ		01	
4º Av	30 vagas FT BIGUÁ		01	

2) Ass Aet (ZL NOVA DUTRA)

Av	Vagas	Aux MS /Saca pino	Qtd Max de Fardos por Dep	Obs
1º Dep	85 vagas ESCALÃO PRECURSOR, 8 vagas Cmdo e 43 FT SANTOS DUMONT	B DOMPSA	04	- Esc Prec (01 C-95; 01 C-130 e 01 C-105) - Cmdo (C-105 - 8 vagas) - FT SD [C-105 (22 vagas) e 03 C-95]
2º Dep	136 vagas FT SANTOS DUMONT	8º GAC Pqdt	04	
3º Dep	136 vagas FT SANTOS DUMONT	8º GAC Pqdt	04	
4º Dep	2 vagas Cmdo e 134 vagas FT AFONSOS	20º B Log Pqdt	04	
5º Dep	136 vagas FT AFONSOS	20º B Log Pqdt	04	

4. QUADRO DE MOVIMENTO AÉREO

PONTO	DESCRIÇÃO	OBSERVAÇÕES
PI	Ponto Inicial de Navegação	Dep In Trail – D/H – Escolta Dep de BR e MN – Encontro em MN RUMO 340º - 298MN – 1h18' – 600 Ft
A	Rend Et Vouz sobre Obj Conquistado	Encontro de Anv C-105 e C-130. Proa 250º Dist 63 MN – 16' – 600 Ft
B	PRC – Pto Ref Com	Formação em TRAIL – Proa 030º e 080º – 27 e 31NM – 07' e 08' – 1000 Ft
ZL 2	Vista Alegre	27º BI Pqdt
ZL 3	Quaternária	Bda (-)
C	Evasão	Retorno ao SBMN no mesmo corredor – 2000Ft

5. PRESCRIÇÕES DIVERSAS

a. Os manifestos de voo e lançamento (PQ-2) deverão ser entregues, preenchidos pelos MS de cada avião, no dia 9 Out (D) após o *briefing* conjunto com todas as tripulações, que ocorrerá às 0800P.

b. As frequências de rádio terra-avião utilizadas durante o Ass Aet serão: 134,2 como principal e 134,4 como alternativa.

c. Os MS escalados deverão realizar treinamentos no falso avião da área de estágios, visando à reciclagem rigorosa nos procedimentos dos saltadores.

d. Após a chegada na BAAF, os militares não deverão se ausentar da área destinada. É proibido o trânsito no interior da Base Aérea dos Afonsos sem a autorização do O Lig. O mesmo procedimento deverá ser adotado no Aeródromo de Resende.

e. O limite do número de fardos é de 02 (dois) para o C-130, sendo o de maior volume a ser lançado pela porta lateral oposta à do MS, e 01 (um) para o C-105.

f. Não deverá ser utilizada qualquer tipo de câmera de foto e/ou filmagem sem autorização do Cmdo Bda Inf Pqdt.

g. Observar a liberação da mochila e ancoragem do material com bandoleira.

h. Observar a liberação da mochila/fuzil e do Pqd, por ocasião do salto em massa de água, devendo atentar para o previsto em procedimentos de segurança da FT BIGUÁ.

i. Os MS e Aux MS deverão se equipar, coordenar e executar a inspeção. Cada aeronave C-105 e C-130 deverá disponibilizar 2 (dois) MS que não realizarão o salto para auxiliar na inspeção dos saltadores.

j. Por ocasião da reorganização durante o salto noturno, cada militar deverá ser alertado para a verificação do material coletivo e individual de sua responsabilidade, em especial do armamento.

k. Verificar, com as tripulações das aeronaves, a possibilidade de reduzir a velocidade, durante o lançamento, e de realizar a abertura da porta com 6 (seis) minutos antes, para que o MS se oriente.

l. Caso haja atraso de mais de 1 (uma) hora na decolagem, deverá ser realizada nova inspeção em todos os saltadores.

m. Em caso de NBA, independentemente do tempo, não haverá em hipótese alguma liberação ou afrouxamento de qualquer material a bordo.

n. O B DOMPSA deverá escalar um DOMPSA e um Aux DOMPSA para cada aeródromo de embarque, a fim de auxiliar na inspeção dos saltadores.

Gen Bda ____________________________

Cmt Bda Inf Pqdt

GLOSSÁRIO

PARTE I – ABREVIATURAS E SIGLAS

A

Abreviaturas/Siglas	Significado
A Op	Área de Operações
A Res	Área de Reserva
ADA	Área de Defesa Avançada
Ass Aet	Assalto Aeroterrestre

B

Abreviaturas/Siglas	Significado
B DOMPSA	Batalhão de Dobragem, Manutenção de Paraquedas e Suprimento pelo Ar
B Log Pqdt	Batalhão Logístico Paraquedista
Bda Inf Pqdt	Brigada de Infantaria Paraquedista
BI Pqdt	Batalhão de Infantaria Paraquedista
Bia AAAe Pqdt	Bateria de Artilharia Antiaérea Paraquedista
BLB	Base Logística de Brigada

C

Abreviaturas/Siglas	Significado
C^2	Comando e Controle
C Op	Centro de Operações
C Pnt Ae	Cabeça de Ponte Aérea
CC^2	Centro de Comando e Controle
CC Log	Centro de Coordenação Logística
CCAF	Centro de Coordenação de Apoio de Fogo
CD	Centro de Dados
Cia C Bda Inf Pqdt	Companhia de Comando da Brigada de Infantaria Paraquedista
Cia Com Pqdt	Companhia de Comunicações Paraquedista
Cia E Cmb Pqdt	Companhia de Engenharia de Combate Paraquedista
Cia Prec Pqdt	Companhia de Precursores Paraquedista
Cmdo	Comando
Cmt	Comandante

D

Abreviaturas/Siglas	Significado
DOAMEPI	Doutrina, Organização, Adestramento, Material, Educação, Pessoal e Infraestrutura
DQBRN	Defesa Química, Biológica, Radiológica e Nuclear
Dst Log	Destacamento Logístico

E

Abreviaturas/Siglas	Significado
E Prog	Eixo de Progressão
E-1	Oficial de Pessoal
E-2	Oficial de Inteligência
E-3	Oficial de Operações
E-4	Oficial de Logística
EM	Estado-Maior
Eqp Prec	Equipe de Precursores
Esc Acomp	Escalão de Acompanhamento
Esc Ass	Escalão de Assalto
Esc Prec	Escalão Precursor
Esc R	Escalão Recuado
Esc Sp	Escalão Superior
Esqd C Pqdt	Esquadrão de Cavalaria Paraquedista

F

Abreviaturas/Siglas	Significado
F Aet	Força Aeroterrestre
F Cj Aet	Força Conjunta Aeroterrestre
F Inc	Força de Incursão
F Ter	Força Terrestre
FAC	Força Aérea Componente
FAMES	Flexibilidade, Adaptabilidade, Modularidade, Elasticidade e Sustentabilidade
FT	Força-Tarefa
FT Cj Aet	Força-Tarefa Conjunta Aeroterrestre
FT Pqdt	Força-Tarefa Paraquedista

G

Abreviaturas/Siglas	Significado
GAA	Guia Aéreo Avançado
GAC Pqdt	Grupo de Artilharia de Campanha Paraquedista
GU	Grande Unidade

H

Abreviaturas/Siglas	Significado
HSO	Hora Sobre o Objetivo

I

Abreviaturas/Siglas	Significado
Inc Aet	Incursão Aeroterrestre

L

Abreviaturas/Siglas	Significado
L C Pnt Ae	Linha de Cabeça de Ponte Aérea
L Ct	Linha de Controle
L Reo	Local de Reorganização
LAADA	Limite Anterior da Área de Defesa Avançada
LAS	Lançamento Aéreo de Suprimento

M

Abreviaturas/Siglas	Significado
M Cmb	Marcha para o Combate
MC	Manual de Campanha
MEM	Material de Emprego Militar

O

Abreviaturas/Siglas	Significado
OM	Organização Militar
Op Aet	Operação Aeroterrestre
Op Amv	Operação Aeromóvel
OSA	Oficial de Suprimento Aéreo

P

Abreviaturas/Siglas	Significado
P Col M	Posto de Coleta de Mortos
P Col Mat	Posto de Coleta de Material
P Col Slv	Posto de Coleta de Salvados
PAC	Posto Avançado de Combate
PC	Posto de Comando
PC Alt	Posto de Comando Alternativo
PCP	Posto de Comando Principal
PCT	Posto de Comando Tático
Pel PE Pqdt	Pelotão de Polícia do Exército Paraquedista
PITCIC	Processo de Integração Terreno, Condições Meteorológicas, Inimigo e Considerações Civis

Q

Abreviaturas/Siglas	Significado
QO	Quadro de Organização

R

Abreviaturas/Siglas	Significado
RIPI	Regiões de Interesse para a Inteligência

S

Abreviaturas/Siglas	Significado
SARP	Sistema de Aeronaves Remotamente Pilotadas

T

Abreviaturas/Siglas	Significado
TECA	Terminal de Carga Aérea
TO	Teatro de Operações
TTP	Táticas, Técnicas e Procedimentos

V

Abreviaturas/Siglas	Significado
VA	Via de Acesso

Z

Abreviaturas/Siglas	**Significado**
Z Aç	Zona de Ação
Z Ater	Zona de Aterragem
Z Dbq	Zona de Desembarque
Z Reu	Zona de Reunião
ZC	Zona de Combate
ZL	Zona de Lançamento
ZP	Zona de Pouso
ZPH	Zona de Pouso de Helicóptero

GLOSSÁRIO

PARTE II – TERMOS E DEFINIÇÕES

Adaptabilidade – Característica de uma força que permite o ajuste à constante evolução da situação e do ambiente operacional e a adoção de soluções mais adequadas aos problemas militares que se apresentem. Possibilita uma rápida adaptação às mudanças nas condicionantes que determinam a seleção e a forma como os meios serão empregados, em qualquer faixa do espectro do conflito, nas situações de guerra e de não guerra.

Ações de inteligência, reconhecimento, vigilância e aquisição de alvos (IRVA) – Ações realizadas por tropas especializadas onde há a reunião das capacidades de inteligência, reconhecimento, vigilância e aquisição de alvos, por meio de um método empregado para a obtenção de dados coletados por observadores desdobrados no terreno, que visam a subsidiar detalhadamente o planejamento e, consequentemente, auxiliar e facilitar a tomada de decisão do Comandante das tropas em combate.

Comando – É a autoridade legalmente investida por leis e regulamentos atribuída a um militar, o comandante, que possui, em razão de seu posto ou função, a responsabilidade para utilizar efetivamente os recursos disponíveis para empregar, organizar, dirigir, coordenar e controlar forças militares. O exercício do comando ocorre em decorrência da tomada de decisão.

Comunicações – Componente estrutural da Função de Combate Comando e Controle (C^2), compreendem a estrutura integrada (pessoal, instalações, equipamentos e tecnologias) destinada a estabelecer as ligações entre os diversos escalões, com a finalidade de apoiar o exercício do comando e controle, nas situações de guerra e de não guerra.

Consciência Situacional – Percepção precisa dos fatores e condições que afetam a execução da tarefa durante um período determinado de tempo, permitindo ou proporcionando, ao seu decisor, estar ciente do que se passa ao seu redor e assim ter condições de focar o pensamento à frente do objetivo. É a perfeita sintonia entre a situação percebida e a situação real.

Cabeça de Ponte Aérea (C Pnt Ae) – É a área conquistada e mantida, a fim de proporcionar o espaço necessário para o desembarque por via aérea de tropas, equipamentos e suprimentos ou para evacuação por via aérea.

Caçador (Cçd) – Militar dotado de treinamento, armamentos e equipamentos especiais que lhe confere a possibilidade de observação e execução de alvos a grandes distâncias.

Corredor aéreo (Crdr Ae) – Faixa do espaço aéreo na qual são estabelecidas rotas aéreas a serem cumpridas pelas aeronaves amigas.

Elasticidade – Característica de uma força que, dispondo de adequadas estruturas de Comando e Controle e de Logística, lhe permite variar o poder de combate pelo acréscimo ou supressão de estruturas, com oportunidade.

Flexibilidade – 1. Característica de que deve dispor uma força militar, de modo a organizar-se para o cumprimento de uma missão específica, para atender tanto às diferentes fases de um plano ou ordem de operações quanto de se adaptar às variações de situação que se possam apresentar, no desenrolar do combate ou missão recebida. 2. Capacidade de organizar grupamentos operativos de diferentes valores, em função da missão. 3. Capacidade que a Força Aérea possui de se adaptar, rapidamente, às variações da situação, utilizando unidades aéreas para a realização de uma gama variada de tipos de missões, com o emprego, em cada caso, de táticas e armamentos adequados à operação a ser realizada.

Força aeroterrestre (F Aet) – Força combinada ou força-tarefa combinada, organizada pelo Comando Supremo ou pelo Comandante de Teatro de Operações, para a execução de operações aeroterrestres.

Forças irregulares (F Irreg) – Força capacitada à execução da guerra irregular, caracterizada por organização não institucionalizada. Num movimento revolucionário ou de resistência, as forças irregulares são integradas por três segmentos: força de guerrilha, força de sustentação e força subterrânea.

Força-Tarefa Conjunta (FT Cj) – Força conjunta, organizada para a execução de uma missão específica, de objetivos e duração limitados, sendo desativada após o cumprimento da missão.

Fatores de decisão (Ftr Dcs) – Partes constitutivas do exame de situação, que é uma metodologia concebida para a solução de um problema militar, de qualquer nível. São elementos que orientarão o processo decisório, sendo eles: missão, inimigo, terreno e condições meteorológicas, meios, tempo e considerações civis.

Hora sobre o objetivo (HSO) – Instante no qual o primeiro homem abandona a aeronave sobre a zona de desembarque (seja ela ZPH, ZP ou outra).

Modularidade – Divisão de um sistema em componentes, denominados módulos, que são nomeados separadamente, possuem características internas comuns e podem ser operados de forma independente em relação aos demais.

Sustentabilidade – Característica de uma força que lhe permite durar na ação, pelo prazo que se fizer necessário, mantendo suas capacidades operativas,

resistindo às oscilações do combate. O termo também é aplicado no processo de obtenção de determinada capacidade operativa, para referir-se ao estudo do impacto que a solução adotada trará para o EB ao longo dos anos (ou seja, pelo período antevisto como o ciclo de vida dessa capacidade).

Sistemas de tecnologia da informação e comunicações (STIC) – São os recursos de tecnologia da informação e comunicações (TIC) que integram os sistemas de C^2, proporcionando ferramentas por intermédio das quais as informações são coletadas, monitoradas, armazenadas, processadas, fundidas, disseminadas, apresentadas e protegidas.

Sistema de aeronave remotamente pilotada (SARP) – Conjunto de meios que constituem um elemento de emprego de Aeronave Remotamente Pilotada (ARP), para o cumprimento de determinada missão aérea. Em geral, é composto de três elementos essenciais: o módulo de voo, o módulo de controle em solo e o módulo de comando e controle.

Zona de desembarque (Z Dbq) – Área do terreno destinada para desembarque de tropa de meios aéreos. Para os fins deste manual, se refere indistintamente à ZL, ZP e ZPH.

Zona de lançamento (ZL) – Faixa do terreno, previamente designada, na qual serão lançadas por paraquedas tropas, suprimentos e equipamentos. Também é uma zona do terreno onde suprimentos podem ser entregues através de outro processo de lançamento.

Zona de pouso (ZP) – Área controlada por elementos de superfície da Força Terrestre (F Ter), dentro ou fora de área hostil, destinada ao pouso de aeronaves de asa fixa.

Zona de pouso de helicópteros (ZPH) – Área controlada por elementos de superfície da F Ter, dentro ou fora de território hostil, compreendendo um ou mais locais de aterragem (Loc Ater), destinada ao embarque e/ou desembarque de pessoal e/ou material, por intermédio de pouso ou de voo pairado, realizado por um ou mais helicópteros.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Operações**. EB70-MC-10.223. 5. ed. Brasília, DF: COTER, 2017.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Operações Aeromóveis**. EB70-MC-10.218. 1. ed. Brasília, DF: COTER, 2017.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Operações Aeroterrestres**. EB70-MC-10.217. 1. ed. Brasília, DF: COTER, 2017.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Operações Especiais**. EB70-MC-10.212. 3. ed. Brasília, DF: COTER, 2017.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Operações Ofensivas e Defensivas**. EB70-MC-10.202. 1. ed. Brasília, DF: COTER, 2017.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **As Comunicações na Força Terrestre**. EB70-MC-10.241. 1. ed. Brasília, DF: COTER, 2018.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Logística Militar Terrestre**. EB70-MC-10.238. 1. ed. Brasília, DF: COTER, 2018.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Operação em Área Edificada**. EB70-MC-10-303. 1. ed. Brasília, DF: COTER, 2018.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **A Logística nas Operações**. EB70-MC-10.216. 1. ed. Brasília, DF: COTER, 2019.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Operações de Informação**. EB70-MC-10.213. 2. ed. Brasília, DF: COTER, 2019.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Processo de Planejamento e Condução das Operações Terrestres**. EB70-MC-10.211. 2. ed. Brasília, DF: COTER, 2020.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Batalhão de Dobragem, Manutenção de Paraquedas e Suprimento pelo Ar**. EB70-MC-10.366. 1. ed. Brasília, DF: COTER, 2021.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Batalhão de Forças Especiais**. EB70-MC-10.362. 2. ed. Brasília, DF: COTER, 2021.

BRASIL. Exército. Comando do Exército. **Instruções Gerais para as Publicações Padronizadas do Exército**. EB10-IG-01.002. 1 ed. Brasília, DF: Comando do Exército, 2011.

BRASIL. Exército. Estado-Maior do Exército. **Batalhão Logístico**. C 29-15. 1. ed. Brasília, DF: EME, 1984.

BRASIL. Exército. Estado-Maior do Exército. **Brigadas de Infantaria**. C 7-30. 1. ed. Brasília, DF: EME, 1984.

BRASIL. Exército. Estado-Maior do Exército. **Batalhão de Infantaria de Selva**. IP 72-20. 1. ed. Brasília, DF: EME, 1997.

BRASIL. Exército. Estado-Maior do Exército. **Brigada de Infantaria de Selva**. IP 72-30. 1. ed. Brasília, DF: EME, 1997.

BRASIL. Exército. Estado-Maior do Exército. **Companhia de Fuzileiro de Selva**. IP 72-10. 1. ed. Brasília, DF: EME, 1997.

BRASIL. Exército. Estado-Maior do Exército. **Operações na Selva**. IP 72-1. 1. ed. Brasília, DF: EME, 1997.

BRASIL. Exército. Estado-Maior do Exército. **Estado-Maior e Ordens**. C 101-5. 1º e 2º Vol. 2. ed. Brasília, DF: EME, 2003.

BRASIL. Exército. Estado-Maior do Exército. **Glossário de Termos e Expressões para Uso no Exército.** EB20-MF-03.109. 5. ed. Brasília, DF: EME, 2018.

BRASIL. Ministério da Defesa. Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas. **Glossário das Forças Armadas**. MD35-G-01. 5. ed. Brasília, DF: MD, 2015.

BRASIL. Ministério da Defesa. Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas. **Manual de Abreviaturas, Siglas, Símbolos e Convenções Cartográficas das Forças Armadas**. MD33-M-02. 4. ed. Brasília, DF: MD, 2021.